II SÉRIE
n.º 1
ABRIL 1977
PREÇO 15$00

REVISTA PORTUGUESA DE XADREZ

SUMÁRIO

2 A MARCHA DOS TORNEIOS DE CANDIDATOS
4 A ARTE E O XADREZ — DE MARCEL DUCHAMP A JULIUS BREYER
5 O PRIMEIRO PASSO
6 BISPO CONTRA CAVALO
7 ALGUMAS NOTAS SOBRE O FOMENTO E PROPAGANDA REALIZADOS NA REGIÃO DO PORTO
8 XXXII CAMPEONATO NACIONAL ABSOLUTO
11 TEMAS DE ATAQUE AO ROQUE
13 PARTIDAS RECENTES
15 PROBLEMAS: O XEQUE COMO ELEMENTO TEMÁTICO

EDITORIAL

Escrever o editorial deste primeiro número da 2.ª Série da Revista Portuguesa de Xadrez provoca em nós duas emoções diferentes mas igualmente profundas:

Por um lado admiração e homenagem àqueles que há 40 anos — foi em Janeiro de 1937 —, se atreveram a lançar a Revista e conseguiram mantê-la durante 83 números — sete longos anos —, nas condições mais adversas, sem qualquer apoio estatal e antes com aquela por vezes disfarçada, mas sempre latente, animosidade por tudo o que representasse cultura de massas. Homenagem que desejaríamos ter concretizado — infelizmente o pouco tempo que dispusemos não o permitiu —, convidando Carlos Pires, o seu antigo Director, a escrever este editorial. Mas temos a sua promessa de num dos próximos números nos falar dessa magnífica equipa, em que é justo destacar os pioneiros do xadrez de competição em Portugal que foram o Dr. Mário Machado e o Dr. António Maria Pires, homens cuja dedicação ao xadrez, quantas vezes com prejuízo da sua vida profissional, foi um exemplo que, felizmente, a actual geração de dirigentes soube seguir.

É evidente que tais homens, animados por um tal desejo de servir, tinham de produzir frutos mesmo num meio hostil: um 3.º lugar numa Olímpiada de Xadrez por Correspondência e as magníficas composições dos problemistas portugueses são exemplo disso. E falar em problemistas é falar de Rui Nascimento, outro nome grande da velha-guarda, este, felizmente, ainda em actividade. Dele encontrarão os leitores, já no presente número, uma secção onde, como então, o saber do mestre e a imaginação do artista se ligam harmoniosamente. Estamos certos de que do seu entusiasmo nascerá uma nova equipa de problemistas capaz de igualar as vitórias anteriores. Rui Nascimento será assim o elo a ligar o passado e o futuro.

O futuro! A outra emoção de que falamos! A emoção do atleta à partida para uma prova que sabe difícil mas que quer e há-de vencer!

O que será o futuro? E de que maneira a nossa Revista, *nossa* leitor porque será principalmente sua, poderá influenciar esse futuro?

Democratizaremos o xadrez ou democratizaremos pelo xadrez?

Conseguiremos pôr o xadrez ao serviço dos portugueses ou limitar-nos-emos a pôr portugueses ao serviço do xadrez?

Tanto para dizer e uma só coluna que não quer roubar espaço às outras secções! Uma coluna desperdiçada a falar do passado!

Desperdiçada? Talvez não! Talvez a análise dos tempos adversos, mas uma análise de xadrezista, sistemática e ponderada, faça com que os tempos futuros o não sejam.

Passado e futuro! Fica para o próximo número.

A MARCHA DO

No final de Fevereiro começaram a disputar-se em quatro cidades europeias os *matches* para apuramento do candidato ao título mundial, 1978-81.

Estes quartos de final constam de um encontro de doze partidas; se no final subsistir o empate 6 : 6, proceder-se-á ao seu prolongamento por séries de duas partidas até ser encontrado um vencedor.

Gerou-se grande interesse à volta destes quartos de final, não só devido à presença, contestada pela Federação soviética, de Victor Korchnoi, que abandonou o seu país em Junho de 1976, como pela incógnita que constituiu, até certa altura, a participação do americano Robert Fischer. O ex-campeão mundial, que deixou de o ser, em 1975, por se recusar a disputar o *match* para o título com o seu actual detentor, o soviético Anatoly Karpov, pareceu apostado em confirmar as teses de Fine sobre a psicologia de alguns campeões, que, atingindo o ápice, perdem um súbito interesse pelo jogo, onde já não podem afirmar o seu ego.

Coube a Boris Spassky, da União Soviética, preencher o lugar de Fischer, de acordo com os regulamentos.

Em Lucerna, na Suíça, jogam o brasileiro Henrique Mecking e o soviético Lev Polugaevski, num *match* que para alguns comentaristas tinha vencedor à partida: «Meckinho», em que os «ocidentais» põem esperanças de conquista do ceptro máximo. Todavia, Mecking tem revelado falta de ritmo e segurança na condução das partidas, devido a não participar com assiduidade em provas internacionais, e é Polugaevski que comanda com um ponto de vantagem conquistado na 2.ª partida. Vejamos a evolução dos resultados, em que o soviético conduz as brancas nas partidas ímpares:

Polugaevski	1/2	1	1/2	1/2	1/2	1/2	1/2	1/2	1/2	1/2	5
Mecking	1/2	0	1/2	1/2	1/2	1/2	1/2	1/2	1/2	1/2	4

O soviético Boris Spassky defrontou o checoslovaco Vlastimil Hort em Reiquiavique, capital islandesa, onde perdeu em 1972 o título mundial para o americano Bobby Fischer, no que foi considerado, na altura, o «*match* do século», tendo o *match* já terminado com o resultado final de 6 : 6. Spassky foi submetido a uma operação de urgência logo a seguir, e não se sabe se o *match* continuará ou se Hort será declarado vencedor: os médicos prevêem para Spassky um mínimo de dois meses de inactividade.

Spasski	1/2	1/2	1	1/2	1/2	1/2	1/2	1/2	0	1/2	1/2	1/2	1/2	6
Hort	1/2	1/2	0	1/2	1/2	1/2	1/2	1	1/2	1/2	1/2	1/2	1/2	6

Em Roterdão, na Holanda, Lajos Portisch, da Hungria e Bent Larsen, da Dinamarca, confirmaram as suas características de grandes lutadores, e em dez partidas disputadas apenas se registaram três empates! Portisch, que tem mantido uma forma apurada durante mais de uma década, com várias presenças em *matches* de candidatos, conseguiu pela primeira vez a passagem às meias-finais. Larsen, porém, terá ajudado a cavar um pouco a sua própria sepultura ao jogar para a vitória a qualquer preço, o que lhe custou a 1.ª e a 3.ª partidas e ao omitir uma pequena combinação na 6.ª que lhe fez perdem um peão importante.

Marcha dos resultados:

Portisch	1	1/2	0	1	1/2	1	0	1	1/2	1	6	1/2	
Larsen	0	1/2	1	0	1/2	0	1	0	1/2	0	3	1/2	

Porém, o encontro para onde convergem as atenções disputa-se em Castelvecchio Pascoli, na Itália, entre Tigran Petrosian, da URSS, campeão mundial 1963-69 e Victor Korchnoi, *xadrezista dissidente* da União Soviética, a residir presentemente na Holanda. A inimizade de velha data que os anima, deu um marcado tom de guerra psicológica às negociações preliminares ao *match* e criou um ambiente tenso, em que os adversários de agora, companheiros de equipa de ontem, nem sequer se cumprimentam!

Os quatro empates das primeiras partidas faziam temer uma reedição do *match* de 1971, em que após nove empates a decisão a favor de Petrosian se verificou na derradeira partida. Porém, a monotonia inicial quebrou-se pois Korchnoi adiantou-se na 5.ª, Petrosian empatou o encontro na 6.ª e após mais um empate Korchnoi tomou novamente vantagem ao ganhar a 8.ª.

Korchnoi	1/2	1/2	1/2	1/2	1	0	1/2	1/2	4	
Petrosian	1/2	1/2	1/2	1/2	0	1	1/2	1/2	4	

TORNEIO DE CANDIDATOS

L. PORTISCH - B. LARSEN

6.ª partida

Gambito de Dama

1. c4 Cf6 2. Cc3 e6 3. Cf3 d5 4. d4

Transpondo da abertura Inglesa, para uma variante do Gambito de Dama, pouco embaraçosa para as negras, que podem fazer o lance de libertação 4... c5 sem ficar com um peão isolado depois

comentários de VICTOR SILVA

de 5. cxd5 Cxd5. Tal posição, todavia, não agrada ao estilo de Larsen.

4... Cbd7 5. cxd5 exd5 6. Bg5 Be7 7. e3 0-0 8. Bd3 c6 9. Dc2 Te8 10. 0-0 Cf8 11. Tae1

Patente Botvinik. A alternativa principal é 11. Tab1, com a ideia de iniciar um ataque de minorias com b4-b5, procurando colunas abertas no flanco de dama e fazendo pressão sobre os peões negros.

11... Be6

A enciclopédia dá aqui 11...g6 12. Ce5 Ce6 13. Bh6 Cg7 14. f3 Bf5 16. Bxg7 Bxd3 16. Cxd3 Rxg7 17. Df2 ½ - ½, Keene-Csom, Palma de Maiorca 1971. Portisch tinha provavelmente uma melhora para as brancas nesta linha.

12. Db1 a5

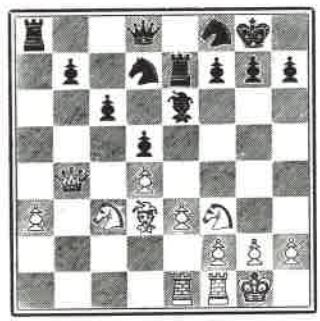
Impede b4.

13. a3 C3d7 14. Bxe7 Txe7

L. PORTISCH

A troca dá maior liberdade de manobra às negras e facilita-lhes o contra-taque no flanco de rei, mas faz desaparecer o bispo mau das brancas. Estas, é claro, poderiam ter ensaiado 14. Bf4 já que 14...g5 15. Bg3 f5 16. f3 não parece ter grandes perspectivas e o flanco de rei negro fica bastante enfraquecido. Todavia a simplicidade de processos é um dos princípios orientadores do jogo de Portisch.

15. b4 axb4 16. Dxb4!



Correctamente jogado.

Mantêm-se abertas as colunas *b* e *c* para as torres e o peão *a3* pode colaborar no ataque ao peão *b7* atrasado.

16... Cb6 17. a4 Cc8 18. Ta1 Cd6 19. a4 Bf5

Jogado com dois objectivos: desfazer-se do bispo mau (pois corre nas mesmas casas que os seus peões) e ganhar espaço para manobrar. É curioso que o plano seguido por Larsen não lhe deu contrajogo no flanco de rei, como compensação à iniciativa das brancas no flanco de dama, vendo-se limitado a uma defesa passiva, propensa, naturalmente, ao erro.

20. Bxf5 Cxf5 21. Tfb1 Cd6 22. Cd2

Controla *c4* onde se poderia instalar o *Cd6*.

22... Ce6 23. Db6 Dc8?

É evidente que a posição depois da troca das damas, com 23... Dxb6 24. Txb6, ameaçando a6, não é recomendável para as negras, mas o lance jogado perde simplesmente um peão.

24. Cxd5 Td7 25. Cc3 Cf5 26. Cf3 Ta6 27. Db2 Cd6 28. Ca4 De8 29. Cb6 Td8 30. Dc2 h6 31. Cc4 Cb5 32. Td1 De7 33. h3 Cec7 34. Tab1 Cd5 35. Tb3

Contra a ameaça de Cc3. As manobras dos últimos dez lances, insípidas na sua aparência, giraram à volta da tentativa de avanço dos peões brancos centrais e do seu impedimento pelas negras, ao atacarem o *Pd4*. Ao mesmo tempo evitam as trocas que evidenciariam a vantagem material das brancas.

35... De6 36. Cfe5 Taa8 37. Cd3 Dg6 38. Tc1 Dg5 39. Rh2 Te8 40. Cc5 Ta7 41. Td1 h5 42. e4 Cxd4?

Derrotado estrategicamente, e na perspectiva de uma lenta agonia, Larsen escolhe o campo combinativo como último recurso.

43. Txd4 Cf4

E agora? — poderiam perguntar as negras. É simples:

44. Ce3! Cxg2 45. Cxg2

Era inferior 45. f4 defendendo a torre e atacando a dama, devido a 45... Cxe3 46. Txe3 Dxf4+ 47. Tg3 Txa5.

45... De5+ 46. f4 Dxe5 47. Tg3!

O rei negro transforma-se em objectivo de ataque. Não é possível, agora, 47... Txa5 48. Cb3.

47... Db4 48. e5! Dxa5 49. Cd7 h4

Não resolvia 49... Rh8 50. Cf6 gxf6 51. De2, nem 49... Te6 50. f5 Th6 51. Dc1 seguido de 52. Dg5 e a 49... Te7 seguiria 50. Cf6+ Rf8 51. Txg7!, como na partida.

50. Cf6+ Rf8 51. Txg7! 1:0

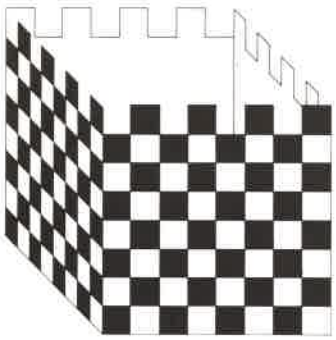
Há mate depois de 51... Rxg7 52. Dh7+ Rf8 53. Dg8+ Re7 54. Dxe8.

Partidas rápidas no Minho

No primeiro fim de semana de Março, realizou-se em Guimarães, na sede do Círculo de Arte e Recreio, o II Campeonato Regional do Minho de Partidas Rápidas, que teve a participação de vinte e cinco jogadores.

Individualmente, a classificação ficou assim ordenada: 1.º **Adriano Araújo** (G. X. Braga), 22 pontos; 2.º **Firmino Silva** (Viana T. C.); 21 1/2; 3.º **Manuel Oliveira** (Viana T. C.), 21; 4.º **José Mota** (C. Arte e Rec.), 18; 5.º **Carlos Teixeira** (C. Arte e Rec.), 18; 6.º **Pedro Palhares** (Famal. A. C.), 18.

Por equipas, a vitória pertenceu ao **Grupo de Xadrez de Braga - A**, com 31 1/2 pontos, tendo-se classificado a seguir: 2.º **Viana Taurino Clube - A**, 31; 3.º **Círculo de Arte e Recreio**, 22 1/2; 4.º **Grupo de Xadrez de Braga - B**, 13; 5.º **Famalicense Atlético Clube**, 13; 6.º **Viana Taurino Clube - B**, 9.



A ARTE E O XADREZ

de Marcel Duchamp a Julius Breyer

(breve achega para uma história das ideias no xadrez)

«Todos os xadrezistas são artistas», afirmou, durante uma palestra realizada em 1952 na Associação de Xadrez de Nova Iorque, o pintor dadaista Marcel Duchamp.

Nascido em 1887, em Blainville (França), Duchamp dedicou-se, a partir de 1908, a uma intensa actividade de renovação artística depois de um período de influência «Fauve» e cubista, via Cézanne, entre 1907 e 1908, durante o qual pintou, precisamente neste último ano, a tela «Jogadores de Xadrez», revelando desde logo, o primeiro assomo das duas paixões que iriam pautar toda a sua vida: a Arte e o Xadrez. Retoma o tema, em 1911, com «Retrato de Jogadores de Xadrez», reflexo dos novos caminhos que irá percorrer, mas ainda dentro do Cubismo.

Em 1912, depois de aderir ao grupo inovador «Section d'Or», executou a pintura «Nu descendant un escalier», obra que marca a grande viragem estética que Duchamp representa no mundo da Arte. Ainda nesse ano o xadrez volta a surgir no seu trabalho «Le Roi et la Reine entourés de Nus vites», no qual se patenteia toda a dinâmica existente numa partida de xadrez à qual está ligado, permanentemente, um profundo sentido do Belo, como o próprio artista afirmaria: *«A Beleza no xadrez está mais próximo do ideal da poesia; as peças do jogo são as letras do alfabeto que exprimem pensamentos; e estes, embora traçando um desenho visível no tabuleiro, expressam a sua beleza de forma abstracta, como um poema.»*

No ano de 1916 todo o mundo artístico é convulsionado quando Duchamp, Tristan Tzara, Jean Arp, Francis Picabia e outros fundam o Movimento DaDa, que viria abrir caminho à eclosão, em 1921, do Surrealismo.

Nos anos anteriores já Duchamp tinha escandalizado a mentalidade burguesa, ainda apegada ao gosto *«kitsch»* da Belle Époque, as apresentam os seus *«ready made»*, objectos de uso comum os quais o artista transformava, somente pela alteração da designação vulgar e pela sua assinatura, em obras de arte. Foi assim que expôs, em 1917, um urinol sob o título «Fonte».

O Movimento DaDa conquista particular força no termo da I Guerra Mundial. Em 1919 Duchamp reproduz a «Gioconda», de Leonardo da Vinci, aplicando-lhe um monumental bigode e uma inscrição obscena.

«Não mais pintores, escritores, músicos, escultores; não mais religioes, nem republicanos, nem monárquicos; não mais imperialistas, nem anarquistas ... Nada, Nada Nada ...», é o grito veemente do manifesto DaDa. Um Nada que é, como escreveu o historiador do Surrealismo René Passeron, *«uma reivindicação, a expressão do desejo de fazer tábua rasa de todo um mundo que afinal existe, demais até: o velho mundo, é certo, o do regresso dos prisioneiros e da contagem dos mortos, o das vaidades nacionais e dos escombros.»*

Para Duchamp, como para todos os intelectuais do seu grupo, esse Nada, esse refúgio turbulento no absurdo era, afinal, uma terrível e dramática lucidez. O espírito revoltava-se contra a mediocridade institucionalizada do pós-guerra, incapaz de compreender as grandes conquistas resultantes das mutações políticas que o conflito tinha gerado: a queda de três impérios autocratas e brutais (Rússia, Alemanha e Áustria-Hungria); a Revolução de Outubro de 1917, dando origem à União Soviética e abrindo à humanidade novas perspectivas de um mundo melhor baseado no fim da exploração do homem pelo homem.

Subitamente, porém, em 1923 Marcel Duchamp dedica-se, quase em exclusivo, ao xadrez, tornando-se mesmo profissional. Participa, a partir de então, em representação da França, nas Olimpíadas de Paris (1924), Haia (1928) Hamburgo (1930), Praga (1931) e Folkestone (1933). A bibliografia xadrezística ficou-lhe a dever duas obras nas quais o artista se confunde com o praticante de xadrez: o livro «Jeu de la Reine» e um trabalho intitulado «L'opposition et les cases conjuguées sont réconciliées».

Acabamos de ver como se estabelece a correlação entre a arte e o xadrez fundidos numa única personalidade, donde poderemos intuir todas as relações que demonstram a verdadeira essência do xadrez como uma arte, cuja evolução corre paralelamente ao das restantes actividades culturais.

Assim toda a revolução levada a cabo nos primeiros anos do pós-guerra por Duchamp, pelos seus companheiros DaDa e, posteriormente, pelos surrealistas, encontra no Hipermodernismo a sua equivalente do xadrez.

Em 1920, Richard Reti, Julius Breyer, Alekhins e Bogoljubow, utilizando uma metodologia inspirada nos princípios proclamados, em 1911, por Aron Nimzovitsch, inovam por completo o xadrez.

Era uma revolução idêntica à dos DaDa. O grande-mestre Tartakover procura, então, definir os hipermodernos: *«O xadrez pode, igualmente, apresentar os seus cubistas. Os principais representantes das novas ideias, Alekhine, Bogoljubow, Breyner e Reti, obtiveram, sobretudo em 1920, magníficos êxitos em competição com os grandes nomes da velha escola, Rubinstein, Tarrasch, Marcoczy e outros, captando a atenção de todo o mundo xadrezístico para a nova. Os princípios desta tinham evidenciado um estado de secessão. Eles propunham não só planos que, até então, nos estavam vedados, esquemas que conferiam às partidas um cariz inusitado, lances que ridicularizavam todas as tentativas para criar um desenvolvimento fácil das peças, mas, também, finalmente, processos que procuravam a salvação num infin-*

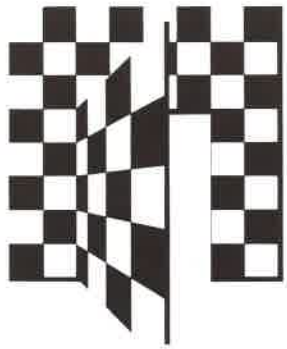
continua na página 12

BREYER - HAVASI

1. d4 Cf6 2. Cd2 d5 3. e3 Bf5 4. c4 c6 5. Cf3 e6 6. Be2 Bd6 7. c5 Bc7 8. b4 Cbd7 9. Bb2 Ce4 10. Cxe4 dxe4 dxe4 11. Cd2 Cf6 12. g4 Bg6 13. h4 h5 14. gxh5 Cxh5 15. Dc2 Cf6 16. 0-0-0 Bf5 17. Tdg1 Rf8 18. h5 a5 19. b5 cxb5 20. Bxb5 Txh5 21. d5 Txh1 22. Txh1 Rg8 23. d6 Bb8 24. Cc4 Ba7 25. Bd4 Tc8 26. f4 Bxc5 27. d7 Cxd7 28. Dh2 f6 29. Bxc5 Cxc5 30. Dh8+ Rf7 31. Be8+ **1:0.**

As brancas ganham a Dama e o jogo.

O Primeiro Passo



Das três fases em que usualmente se costuma dividir uma partida de xadrez, abertura, meio jogo e final, a primeira é, sem dúvida, aquela sobre a qual existe maior número de publicações e análises. No entanto, esta é também a que apresenta maiores dificuldades de ser tratada objectivamente, já que não só está sujeita ao gosto (subjectivo) de cada jogador, como também às flutuações da moda.

E é assim que nas melhores revistas mundiais da especialidade aparecem frequentemente extensos artigos sobre esta ou aquela variante, detalhadamente analisadas, muitas vezes até à exaustão.

Não é, porém, intenção desta secção, *pelo menos durante o início da sua existência* (e esperamos que seja longa, ao contrário do que aconteceu com outras tentativas), tratar tão minuciosamente esta primeira etapa da luta entre intelectos que é o xadrez.

Que nos desculpem aqueles que, pelo seu nível mais elevado de jogo, estariam precisamente à espera de encontrar ao longo destas linhas as últimas *novidades teóricas*. Isso seria, quanto a nós, infringir as leis basilares do didactismo e da pedagogia. Há que atender, efectivamente, a que o nível geral da maior parte dos jogadores não permitiria compreender, muitas vezes, os difíceis conceitos estratégicos de muitas aberturas.

Assim, procuraremos avançar lenta mas seguramente, e com a consciência de estarmos no caminho certo no intrincado labirinto que é a fase da abertura.

por TOMÉ DUARTE

Muitas vezes se tem assemelhado uma partida de xadrez a uma batalha (clássica) entre dois exércitos, mas com a particularidade de que os comandantes das tropas são precisamente os dois adversários sentados em lados opostos do tabuleiro, servindo este de campo de luta, e em que as pequenas peças (peões, bispos, reis, etc.) representam as tropas de choque directamente intervenientes na contenda.

Em relação ao campo de batalha (tabuleiro), devemos revelar que a parte fulcral do mesmo são as quatro casas centrais (*e4, d4, e5, d5*), às quais se chama precisamente o *centro*. E, tal como numa autêntica refrega, aquele que mais rapidamente desenvolva e coloque as suas forças em sítios estrategicamente ideais terá, como se observa com facilidade, vantagem para o embate com as forças adversárias. Não deveremos, em nenhum caso, tentar atacar a posição adversária sem que todas as nossas forças estejam devidamente preparadas para o combate.

Assim, na abertura, têm papel fundamental os três seguintes factores: *1) desenvolvimento, 2) centro* e *3) tempo*.

1) Desenvolvimento

Deve-se procurar desenvolver todas as peças o mais rapidamente possível. A abertura é uma autêntica corrida para um rápido e contínuo desenvolvimento.

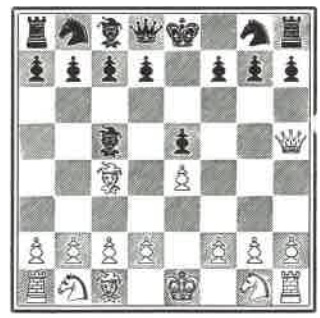
Na sua posição inicial, as peças têm pouca mobilidade; portanto, é necessário tirá-las das suas casas iniciais, ampliando-lhes o raio de acção, para que se obtenha o maior proveito possível da sua potência de luta.

Se olharmos o tabuleiro com as peças colocadas na posição inicial, verificamos que só os peões e os cavalos têm mobilidade, donde devemos precisamente movimentar os peões com o intuito de libertar as peças da sua posição entrincheirada, e aqueles que melhor favorecem esta acção são os de rei e de dama, pois, além de dominarem casas centrais, deixam a possibilidade de acção para os bispos e para a dama. As peças menores (cavalos e bispos) serão aquelas que, em seguida, deveremos desenvolver o mais rapidamente possível. Os cavalos deverão ser colocados, tanto quanto possível, nas casas *3B*, pois, além de exercerem acção nas casas centrais, é a partir daí que dominam mais território. Um cavalo em *3T*, além de não ter qualquer acção central, tem muito menos mobilidade. Sobre o cavalo de dama e o de rei, este último deverá ter a nossa preferência na movimentação inicial, pois deixa mais rapidamente a possibilidade de *rocar pequeno*, lance de desenvolvimento extraordinariamente importante que, além de guardar o rei num sítio mais seguro, permite o desenvolvimento da torre através de uma coluna central. Nunca devemos tentar qualquer aventura com a dama antes de completado o desenvolvimento das peças menores e de termos guardado o rei em sítio seguro (roque); isso poderia provocar um ataque por parte das forças menores adversárias, obrigando a perdas de tempo inúteis.

O exemplo seguinte é extremamente significativo deste princípio.

1. e4 e5 2. Bc4 Bc5 3. Dh5

Ameaça o peão de rei e mate em *f7*. Este é o tipo de ataque prematuro que o principiante gosta de fazer, mas que, com um jogo correcto por parte das negras, será devidamente castigado.



3... De7!

Este é o lance exacto. 3... Df6 cobriria as mesmas ameaças, mas teria o inconveniente de impedir o normal desenvolvimento do cavalo em *f6*. Seja democrático! Não desenvolva as suas forças de forma impeditiva para as outras peças.

4. Cf3 Cc6 5. Cc3 Cf6!

Agora vê-se claramente como as brancas pagam o tributo da sua rocambolesca aventura com a dama: *a perca de um precioso tempo no desenvolvimento*.

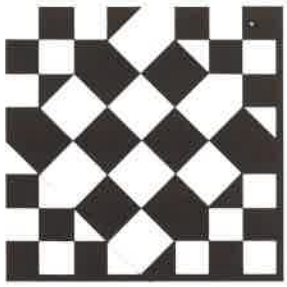
No início do jogo as brancas conservam uma ligeira vantagem pelo facto de lhes tocar jogar em primeiro lugar (a isto se chama iniciativa); uma vez que percam esse privilégio, as negras pelo menos conseguem igualar.

6. Dh4 0-0

Moral da história: as pretas têm quatro peças desenvolvidas e o roque feito, enquanto as brancas têm somente quatro peças desenvolvidas.

As torres têm a sua máxima eficácia numa coluna aberta, aspirando, em última análise, à invasão da primeira e segunda horizontais adversárias. Por isso devemos colocá-las numa coluna central, *BD, D, R* ou *BR*, e tentar abri-la, para o que, em geral, será necessário trocar um dos nossos peões centrais por outro adversário. Assim, por exemplo, depois de 1. e4 e5 2. Cf3 Cc6 3. d4 exd4 4. Cxd4, a coluna de dama ficou aberta e é através dela que se deverá, mais tarde, aumentar a eficácia das torres.

continua no próximo número



BISPO CONTRA CAVALO

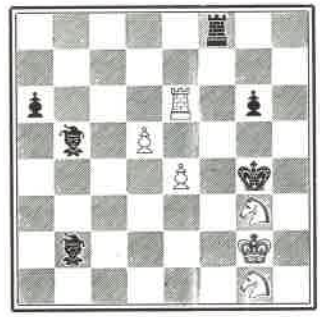
Qualquer principiante conhece o valor das peças, que se pode traduzir na consagrada fórmula 1 (P), 3 (C), 3 (B), 5 (T), 9 (D). Porém, o xadrez é um jogo que vive das excepções e nem sempre esta ordem de valores se mantém. O ex-campeão do mundo Tigran Petrosjan, por exemplo, é um verdadeiro mestre a efectuar sacrifícios de qualidade, muitas vezes *puramente posicionais*, demonstrando que há posições em que um bispo ou um cavalo podem valer mais que uma torre.

Muito frequentemente, porém, é a dúvida que assalta o xadrezista: *«Nesta posição, que vale mais: o bispo ou o cavalo?»*. Por vezes, a resposta é simples, mas há casos em que a multitude de factores a tomar em consideração a tornam extraordinariamente difícil.

Num tabuleiro vazio é fácil reconhecer a vantagem principal de cada uma destas peças: um bispo tem um raio de acção muito maior, mas não pode «descarrilar» da sua cor de origem, ao invés do cavalo, que tem as patas curtas, mas sem sentidos proibidos.

Um bispo que esteja em *a1* precisa apenas de um lance para alcançar *h8*, enquanto que um cavalo necessita de seis jogadas para efectuar esse trajecto, mas este, na sua política de «devagar se vai ao longe», pode ir até *a8* ou *h1*, casas que a «lebre» eclesiástica só conhecerá das janelas fronteiras. Também se verifica que um *Bd4* sujeita totalmente um *Cd1*, mas nunca o poderá atacar, ao passo que este, se se libertar pode ir capturar o mesmo *Bd4*.

Por outro lado, é fácil de compreender a tão legendária força do *par de bispos*, quando bem conjugados, pois o seu maior raio de acção não tem contraposição na falta de domínio de uma das cores do tabuleiro. Assim, é natural que quase sempre seja superior num confronto com os dois cavalos, e, geralmente, também com a dupla B+C.



Na posição do diagrama, reproduzida de uma partida A. Cabral - A. Pereira, disputada em Coimbra, 1976, a contar para o Nacional por Equipas, a agressividade dos peões centrais, passados e ligados, das brancas é aparente. Pelo contrário, a situação do primeiro jogador é dramática, pois o elemento realmente preponderante é o par de bispos, que «massacrará» inexoravelmente os dois cavalos.

42... Tf6!

As negras, para melhor explorarem a vantagem do par de bispos, propõem a troca das torres, que se não pode recusar, pois se 43. Te7? Bd4 44. Ch1 (44. Ch3 Tf3) Bf1+ 45. Rh2 g5 ou 45... Be5, ganhando. Observe-se o triste papel dos cavalos! ...

43. Txf6 Bxf6 44. C1e2?!

Isto simplifica muito o trabalho das pretas, que vão manietar totalmente ambos os cavalos. Era preferível 42. Cf3, embora 44... Bc3 também não deixasse grandes esperanças.

44... Be5 45. Rf2 a5

Com as três peças brancas e aguentarem-se mutuamente, o peão passado distante torna-se decisivo. As negras até se dão ao «luxo» de se «esquecerem» do *Pg6*!

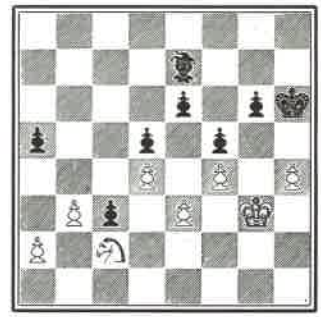
46. Cf1 a4 47. Ce3+ Rg5 48. Cc1

É fácil verificar que as brancas não têm qualquer possibilidade de evitar a queda imediata dos orgulhosos peões centrais.

48... Rf4 49. Cc2 Rxe4 50. Ca3 Bd7 51. Cc4 Bd4+ 52. Re1 Rxd5 53. Cd2 Bc3 54. Ca2 Rd4 55. Rd1 Bg4+ 56. Rc1 Ba5 57. Rc2 Be6 58. Cc1 Bxd2 59. Rxd2 Bc4 0:1

A partir das elementares constatações que atrás fizemos, com o tabuleiro vazio, é fácil de prever que o bispo está valorizado (15%?! ...) quando se exigem acções rápidas em ambos os flancos do jogo (geralmente posições abertas), e o cavalo, por sua vez, quando estas são fechadas, fazendo ressaltar o poder de manobra do simpático equídeo, ao tempo que os bispos vêem reduzido o seu «raio de morte».

Como se calcula, o principal elemento estático que pode ajudar a respponder à nossa pergunta «bispo ou cavalo?» é a estrutura de peões da posição em causa. Observemos dois exemplos, em que o «esqueleto» de peões origina resultados diametralmente opostos.



O diagrama apresenta a posição ocorrida no 17.° encontro do *match* Botvinnik - Smislov (disputado em Moscovo, no ano de 1957), pouco depois do adiamento. É curioso salientar que a vitória de Smislov neste final foi decisiva para a conquista do título mundial, em disputa.

43... Rh5 44. Rf3 Rxh4 45. Ce1 g5

Eliminando o peão atrasado.

46. fxg5 Rxg5 47. Cc2 Bd6 48. Ce1 Rh4 49. Cc2 Rh3 50. Ca1 Rh2 51. Rf2 Bg3+ 52. Rf3 Bh4!

Repare-se como o bispo desempenha um papel decisivo na penetração do rei negro, ao retirar ao rei branco a importante casa *f2*.

53. Cc2 Rg1 54. Re2 Rg2 55. Ca1

Evidentemente, se 55. Rd3 Rf2 56. Rxc3 Rxe3.

55... Be7 56. Cc2 Rg3 57. Ce1 Bd8! 58. Cc2 Bf6!

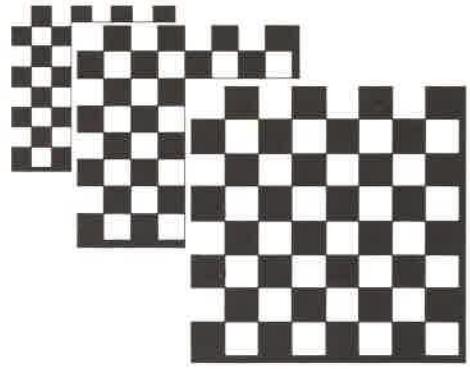
Uma importante vantagem do bispo, é que pode perder tempos. Com a manobra 57... Bd8!, 58... Bf6!, as pretas paralisaram o cavalo, pois, se ele joga, segue-se o golpe táctico *f5-f4*. Por outro lado, o rei não pode ceder mais espaço, o que obriga as brancas a buscarem contrajogo no flanco da dama.

59. a3 Be7 60. b4 a4!

As pretas cumprem um velho princípio: *«Quando temos vantagem material, devemos procurar a troca das peças, e evitar as de peões.»* Neste caso, há ainda a considerar que 60... axb4 61. Cxb4! libertaria relativamente as peças brancas.

continua na página 14

Algumas notas sobre o fomento e propaganda realizados na Região do Porto

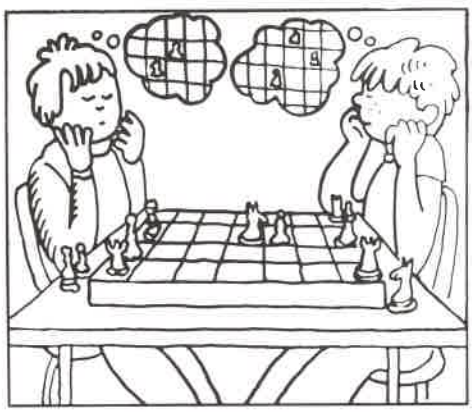


Feitas um pouco sobre a hora, de modo a poderem integrar esta revista, estas notas pretendem apenas chamar a atenção de quem se dedica ao fomento, por esse país fora, para as iniciativas que se nos afiguram mais importantes, das realizadas na órbitra portuense, abordando um pouco a linha geral de pensamento comum às acções desenvolvidas com a intervenção da A.X.P. Algumas iniciativas não tiveram explicitamente essa intervenção, mas dependeram, duma forma ou de outra, de seus colaboradores habituais.

1.

Uma das características principais de de todo o porcesso foi a preocupação de insisir na tónica de «contar com as próprias forças». A A.X.P., tendo em seu poder jogos e tabuleiros para emprestar sem prazo, relógios para iniciativas específicas, documentação variada, e dispondo da colaboração de vários jogadores mais experimentados, pôs este potencial à disposição de todos os núcleos, formados ou em formação, que a demandavam; procurou-se sempre, no entanto, que fossem os próprios núcleos a organizar as iniciativas de formato, e a organizarem-se internamente, funcionando todas as acções desenvolvidas de uma forma adaptada às necessidades específicas do núcleo, tendo a A.X.P. e colaboradores funções de apoio técnico e material.

A nível de material utilizado nos núcleos, foi interessante o auto-construção de tabuleiros de parede, que assumiu formas diversificadas, de acordo com as matérias-primas de que os núcleos puderam dispor. Pensamos, num próximo número da revista, apresentar alguns exemplos sobre este assunto.



2.

Incentivou-se também a participação dos clubes já existentes, usualmente visados para a competição, em ordem e aproveitar as suas localizações particulares para acções de propaganda que dificulmente poderiam ser levadas a cabo de outra forma. Citam-se, como exemplo, as possibilidades de trabalho sugeridas à A. A. Espinho e ao Leixões S. C. para a época balnear, que de certo modo foram postas em prática, e o fomento realizado numa escola primária local pelo C. A. Pedras Rubras, uma das colectividades de regiões suburbanas que o Xadrez viu nascer, com alguma frequência, nos últimos anos. A falta de centralização de informações sobre estes assuntos poderá, eventualmente, fazer-nos ignorar outros trabalhos deste tipo; registamos os que, de momento, nos ocorrem.

3.

O primeiro curso de animadores foi realizado, como é sabido, no Porto, com a colaboração da F.P.X. e D.G.D. Desde aí mais nenhum se conseguiu fazer, por várias razões, a maior parte das quais não dependentes da vontade ou do esforço da A.X.P. e colaboradores. Como consequência, o apoio humano ao número de núcleos que se foram criando (53 segundo o relatório de 1976 da direcção da A.X.P.) só pode ser realizado pontualmente, a nível de simultâneas e intervenções localizadas.

Cabe aqui também uma referência à quase nula utilidade dos (poucos) animadores que cumpriram o serviço cívico. Colocados em alguns estabelecimentos de ensino urbanos, com falta de colaboração por parte dos órgãos de gestão, representtam um papel de «vendedores amulantes de xadrez», expondo o seu «produto» aos alunos que passavam. Não cremos que tenham ficado marcas visíveis da sua efémera passagem pelos liceus portuenses.

Ainda em relação aos animadores, salienta-se a grande necessidade, na fase de divulgação e propaganda, e para o arranque dos núcleos, de animadores ambulatórios. Esta tarefa tem vindo a ser realizada por meia-dúzia de pessoas, que cada vez mais serão insuficientes. Os cursos visados para estes objectivos terão que ser, obviamente, diversos dos cursos para animadores inseridos nos núcleos em que trabalham.

4.

A descentralização de algumas provas distritais, a exemplo do que também a F.P.X. efectuou, foi utilizada como propaganda da modalidade. O último distrital individual, e os torneios de «rápidas» das últimas épocas foram realizados em diversas colectividades, algumas não filiadas como clubes, que manifestavam interesse em colaborar com a A.X.P.

Do mesmo modo se procedeu aquando da visita de Suetin, efectuando-se sessões nos pontos mais diversos do Grande Porto; o facto da colaboração do G. M. soviético ter sido pensada num plano tecnicamente mais evoluído não impediu que se adaptasse a sua estadia a realidade portuense (e nortenha — Suetin também foi «emprestado» à A. X. Braga, o que não estava inicialmente previsto), com resultados apreciáveis, a nível de propaganda.

5.

Uma ideia que se tentou pôr em prática é a de dar cursos de xadrez a pessoas que poderão vir a desempenhar um papel importante na difusão da modalidade, dando-lhes, pelo menos, um conhecimento básico do jogo, que lhes permita, posteriormente, participar em cursos de animadores, ou, quando tal não for possível, estar já motivadas para colaborarem com os animadores ambulatórios da A.X.P. O curso de Xadrez realizado na Escola do Magistério, embora dedicado a crianças, aflorou um pouco estes objectivos, ao despertar a atenção para o Xadrez num meio onde se preparam professores. Embora não directamente ligado ao que dissemos, teve também interesse a realização de um curso na Escola de Enfermagem.

Como exemplo do papel importante que os professores podem ter, registamos ainda uma iniciativa interessante: uma professora de Educação Visual, no ciclo prepartório, que, em colaboração com um xadrezista, realizou um conjunto de sessões, ao longo do ano escolar, em que o Xadrez foi integrado como «leit-motiv» no estudo da disciplina em causa. Paralelamente ao ensino do jogo foram aproveitadas, quer a estrutura geométrica do tabuleiro, quer os conceitos de movimento, de espaço, de mobilidade, para introduzir noções que são objecto da Educação Visual. Como complemento realizou-se uma partida ao vivo, sendo as peças construídas por professora e alunos, a qual repre-

continua na página 14

XXXII CAMPEONATO NACIONA

Vila Nova de Famalicão, 23 de Janeiro: com a autoridade que lhe confere o facto de ser presentemente o melhor xadrezista português, Fernando Silva, mestre internacional, revalida o título de campeão nacional absoluto.

Durante onze dias, a 32.ª edição da prova máxima do nosso xadrez levou ao Salão Nobre dos Bombeiros Voluntários de Famalicão um número relativamente elevado de entusiastas do Norte do país, muitos dos quais tiveram pela primeira vez oportunidade de assistir a um Campeonato Nacional.

O LOCAL

Várias críticas rodearam o facto de se ter transferido este Campeonato, que tradicionalmente se realiza em Lisboa, para uma vila nortenha.

É sabido que, entre os participantes, há mais jogadores da Associação de Xadrez de Lisboa que de qualquer outra Associação (e todos nós conhecemos a dificuldade, que aliás é geral, de uma pessoa pôr de parte as suas ocupações durante quase duas semanas para disputar um torneio de Xadrez). É também certo que uma prova realizada na capital teria muito mais assistência.

Cremos, contudo, que quem se baseia nestes argumentos para atacar a realização do Campeonato Nacional Absoluto no distrito de Braga (ou em qualquer outra zona onde o Xadrez tenha expressão) estará, de certo modo, a cair no erro de considerar que Lisboa é tudo, que o resto é paisagem ...

Se efectivamente, a competição sempre constituiu uma forte motivação à prática das modalidades desportivas, a descentralização dos locais onde se realizam as provas de mais elevado nível só poderá contribuir para superar as maiores descontinuidades verificadas a nível da implantação do Xadrez no nosso país.

A ORGANIZAÇÃO DO CAMPEONATO

De acordo com o Regulamento de Provas da Federação, tinham direito a participar no Campeonato Nacional Absoluto o campeão da época anterior, o campeão nacional de juniores, os campeões das Associações Distritais e todos os jogadores com classificação activa igual ou superior a 2100 pontos.

Ainda nos termos do Regulamento, quando não existe Associação num distrito, pode a F.P.X. delegar num Grupo directamente filiado a organização dos campeonatos dessa área, que são, para todos os efeitos, equiparados às provas associativas. Nestes moldes, podiam também disputar o Campeonato Nacional os campeões de Faro e Portalegre, o que perfazia um total de dezoito jogadores.

O facto de não haver um número definido de participantes e de o Regulamento de Provas não prever o sistema de organização do Campeonato Nacional obriga a que a Federação, para cada edição da prova, elabore normas nesse sentido (que devem atender a várias alternativas), as quais nem sempre são as mais adequadas ou, pelo menos, nem sempre conseguem o acordo da generalidade dos jogadores concorrentes. Está neste caso uma das regras do Campeonato que estabelecia que, se o número de participantes fosse igual ou superior a treze (se fosse inferior, jogariam em sistema de **poule**), a prova se dividiria em duas fases: a primeira, um torneio suíço de cinco sessões; e a segunda a disputar em sistema de **todos contra todos,** em série de seis jogadores.

Dado que, ao que julgamos saber devido aos estudos ou por razões profissionais, não se inscreveram Luís Santos, António Pereira dos Santos, o Eng. Helder Sardinha e António Teixeira, e que Joaquim Durão preferiu estar presente num torneio em Espanha, a emi-

FERNANDO SILVA

nência de o número de participantes ser treze parecia aconselhar uma **poule,** pelo que, a pedido de alguns jogadores, já se encontrava marcada uma reunião, para o dia do início da prova, com elementos federativos e da organização. Contudo, a desistência à última hora de Carlos Nascimento veio a permitir a resolução do problema nos termos regulamentados. O que não isenta a F.P.X. de dar futuramente mais atenção a este aspecto.

OS PARTICIPANTES

Sem dúvida não terá o elenco dos jogadores presentes englobado alguns dos nossos mais fortes xadrezistas. Não aderimos, porém, às afirmações de quem considera simplesmente lamentável a craveira técnica dos participantes.

Se o Regulamento de Provas da Federação tem muitos erros, pelo menos apresenta a virtude de defender o direito de acesso a torneios de mais elevado nível daqueles jogadores que, por mérito próprio, se distinguem nas provas realizadas pelas organizações distritais. E isso é muito importante, e continuará a sê-lo enquanto não houver torneios intermédios (serão eles aconselháveis?) entre os Campeonatos Associativos e o Nacional.

AS SESSÕES

Às 19.25 horas do dia 12 de Janeiro, João Andresen, o árbitro da prova, fazia soar o duplo sinal sonoro que anunciava estar próximo o início da 1.ª sessão do Campeonato.

Vários jogadores lisboetas colocaram-se rapidamente à frente da classificação. Logo ao fim da 2.ª jornada, F. Silva, Sequeira, V. Silva e J. P. Santos comandavam com um ponto de vantagem sobre os seus imediatos competidores.

Na 3.ª sessão, a igualdade entre J. P. Santos e Sequeira deixava os dois sportinguistas sozinhos no topo da tabela.

Na 4.ª sessão, empates entre os jogadores da frente: F. Silva - J. P. Santos e J. Sequeira - V. Silva. Entretanto, juntava-se aos que tinham apenas um ponto perdido V. Miranda.

Este, na 5.ª sessão, empatava com o belenense Sequeira, e, mercê da igualdade também verificada entre os dois **líderes,** o 1.º lugar passou a ser partilhado pelo trio F. Silva - V. Silva - J. P. Santos. Estava sem dúvida a travar-se boa luta entre os primeiros classificados.

Na sessão n.º 6, V. Silva perdia, com pretas, frente ao jogador do C.D.U.P. S. Santos, que, até aí, dada a força dos adversários que defrontara, não obtivera qualquer vitória.

Na 7.ª jornada, F. Silva isolava-se finalmente no comando do Campeonato, para o que contribuiu o empate cedido pelo jogador do Atlético de Alvalade frente a P. Palhares.

A diferença do campeão nacional em relação aos segundos aumentaria para um ponto, na 8.ª sessão, devido à igualdade verificada na partida J. P. Santos - - V. Silva. O título estava à vista.

Entretanto, na 9.ª jornada, V. Silva, com nova derrota frente a P. Palhares,

L ABSOLUTO

e J. Sequeira, tendo empatado com F. Mota, atrasavam-se relativamente ao 2.°.

E até ao final nada mais de curioso houve a registar, a não ser a habitual série de empates da última sessão.

Se, tal como se esperava, o MI Fernando Silva não enfrentou grandes dificuldades para revalidar o título, é contudo de realçar as excelentes actuações de José Pereira dos Santos (que finalmente conseguiu um resultado compatível com a força que vem demonstrando ter) e de João Sequeira (recentemente chegado do Campeonato do Mundo e da Europa de Juniores), os quais se classificaram nos lugares imediatos.

Victor Silva, que na época passada voltou ao Xadrez de competição depois de ter estado afastado alguns anos, obteve o 4.° lugar, com o mesmo número de pontos de Sílvio Santos, que jogou bastante bem na segunda metade da prova.

Vladimiro Miranda, que há alguns anos representou Portugal em vários torneios internacionais de juniores, regressou às provas, venceu o Distrital do Porto, e foi o 6.° neste Campeonato.

Logo a seguir, Francisco Machadinho, que se estreia em provas deste nível e cuja actuação é de destacar, com os mesmos 5 pontos com que se classificou o dr. Rodolfo Lavrador, jogador muito experiente, que cremos ter pontuado baixo do seu real valor.

Quanto a Pedro Palhares, Mamede Diogo, José A. Silva e Fernando Mota, pensamos que poderão ter encontrado no Campeonato um primeiro trampolim para futuras **façanhas,** que serão tanto mais válidas quanto mais ultrapassaram uma perspectiva individualista e puderem tornar-se veículo de desenvolvimento do Xadrez nas regiões a que pertencem.

Resta referir que, com apenas um ano de actividade (de intensa actividade), fora a Associação de Braga a única que se oferecera, há largos meses, para organizar a prova. A A.X.B. encarregou-se da melhor maneira da tarefa, que não foi alvo de qualquer reparo.

JOSÉ OLIVEIRA

V. MIRANDA - R. LAVRADOR

Abertura inglesa

1. c4 Cf6 2. Cc3 e6 3. g3 d5 4. cxd5 exd5 5. d4 Bf5 6. Bg2 c6 7. Cf3 Cbd7 8. 0-0 Bd6 9. Ch4 Be6 10. f4?

As peças pretas não estão convenientemente colocadas. Construindo um forte centro de peões por meio de f3 e e4, as brancas obrigariam o adversário a perder tempo com jogadas destinadas a rectificar a posição das suas forças (o bispo em *d6* e o cavalo em *f6*, por exemplo, estariam ameaçados pelo peão de rei branco). O seu último lance destrói esta possibilidade por uma tentativa, evidentemente vã., de ganhar uma figura por meio de f5. Origina ainda várias debilidades na sua posição (*e4*, *e3* e mais tarde *d5*), por onde poderão no futuro «meter água».

10... Cb6 11. f5 Bd7 12. e4

As brancas persistem em afundar-se.

12... dxe4 13. Cxe4 Cxe4 14. Te1

Buscando no ataque ao rei a sua salvação. Destina-se a impedir o rei adversário de se refugiar no flanco de dama com 0-0-0.

14... 0-0 15. Bxe4 Df6?

Justificando os lances adversários. Ocupando, paulatinamente, as brechas que as brancas abriram na sua própria posição, as pretas alcançariam vantagem. Jogando Te8, Dc7, Tad8, Bc8 e um possível Be7 seguido de Bf6, contestariam facilmente a eficácia do ataque branco. Deveriam, portanto, instalar-se no centro do tabuleiro e daí apoiar incursões que inutilizariam o exército branco. Recordariam ao seu adversário que é necessário dominar o centro antes de atacar em qualquer das alas.

16. Dd3 Tad8 17. Cf3 h6

A primeira consequência do anterior mau lance. Para impedir 18. Bg5 as pretas são obrigadas a mexer o peão *h*, dando força a um avanço branco no flanco de rei (g4-g5 e g5xh6).

18. g4 g5

O rei vai nu.

19. h4

O futuro do rei branco é risonho. Quando muito, poderá constipar-se. O mesmo não se pode dizer do seu congénere.

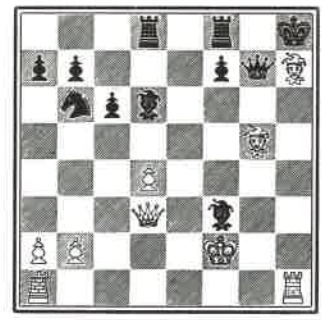
19... Dg7 20. hxg5 hxg5 21. f6! Dxf6 22. Bh7+!

Obrigando o rei a refugiar-se num sítio pouco recomendável. 22... Rg7 perde a dama com 23. Bxg5.

22... Rh8 23. Bxg5 Dg7 24. Rf2

O rei retira-se de um palco que aquecerá muito em pouco tempo. Nunca 24. Bxd8?? Dxg4+.

24... Bxg4 25. Th1 Bxf3



26. Bf6! Dxf6

O jogador que conduz as peças brancas ainda estaria aborrecido se tivesse jogado 27. Bg8+. Se Rxg8 seguiria mate em *h7*. O mesmo se seguiria contra Bxh1, não fosse o insignificante pormenor de o rei branco estar em xeque.

27. Bf5+ Rg7

Agora contra Bxh1 segue Dh3+ e mate.

28. Th7+ Rg8 29. Tg1+ Bg4 30. Txg4 Dg6 31. Dh3

Mais cínico seria 31. Bxg6 fxg6+ (as esperanças das pretas concentravam-se neste xeque) 32. Rg2 e ganham (32... Tf6 33. Txg6+ Rxh7 34. Txf6+ Rg7 35. Bg6+ Rh8 36. Tf7 Tg8 37. Th7++).

31... Cd5 32. Th8+ Rg7 33. Txg6+ fxg6 34. Dh7+ Rf6 35. Dxg6+ 1:0

F. SILVA - P. PALHARES

Defesa Pirc

1. e4 d6 2. d4 Cf6 3. Cc3 g6 4. Be2 Bg7 5. Cf3 0-0 6. 0-0 c6 7. h3 Dc7 8. a4 e5 9. Be3

É preferível um imediato 9. dxe5. As pretas deveriam agora jogar 9... exd4 e depois de 10. Cxd4 Te8 11. Bd3 Cbd7 teriam um jogo fácil de pressão sobre o peão *e4*.

9... Te8? 10. dxe5 dxe5 11. Bc4 Be6

continua na página seguinte

		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	Pts
1.	F. Silva **Sport. C. P.**	●	1/2	1/2	1/2	1	1	1	1	1	1	1	1	**9 1/2**
2.	J. P. Santos **C. Atl. Alv.**	1/2	●	1/2	1/2	1	1	1/2	1	1/2	1	1	1	**8 1/2**
3.	J. Sequeira **C. B. Bel.**	1/2	1/2	●	1/2	1	1/2	1/2	1	1	1	1	1/2	**8**
4.	V. Silva **Sport. C. P.**	1/2	1/2	1/2	●	0	1/2	1	1	0	1/2	1	1	**6 1/2**
5.	S. Santos **C. D. U. P.**	0	0	0	1	●	1	1	1	1/2	1	1/2	1/2	**6 1/2**
6.	V. Miranda **Vilan. F. C.**	0	0	1/2	1/2	0	●	0	1	1/2	1	1	1	**5 1/2**
7.	F. Machadinho **S. Faro Benf.**	0	1/2	1/2	0	0	1	●	0	1/2	1/2	1	1	**5**
8.	R. Lavrador **S. L. Benf.**	0	F	0	0	0	0	1	●	1	1	1	1	**5**
9.	P. Palhares **Famal. A. C.**	0	1/2	0	1	1/2	1/2	1/2	0	●	0	0	1	**4**
10.	M. Diogo **A. E. F. C./R. Pen.**	0	0	0	1/2	0	0	1/2	0	1	●	1	1	**4**
11.	J. A. Silva **S. F. Incr. Alm.**	0	0	0	0	1/2	0	F	0	1	0	●	1/2	**2**
12.	F. Mota **A. Acad. C.**	0	0	1/2	0	1/2	0	0	0	0	0	1/2	●	**1 1/2**

continuação da página anterior

As pretas têm problemas em colocar todas as suas peças em jogo. As brancas aproveitarão este facto para tomar posse da coluna *d*, a única que não possui peões que entravem a actividade das torres, partindo o jogo das negras em dois, cortando-lhe a harmonia, impedindo que as suas peças joguem todas num objectivo comum.

12. De2 Cbd7 13. Bxe6 Txe6 14 a5 h6 15 Cd2 Ch5 16. g3?

Era necessário 16. Cc4. Contra 16... Cf4 poder-se-ia jogar 17. Df3.

16... Dc8?

Não aproveitando a *chance* concedida pelas brancas. Jogando 16... Cf4! (g3 somente deu força a esta jogada), as negras alcançam uma excelente posição! Com o peão *h3* sob ameaça, as brancas teriam de optar entre 17. Df3 Cxh3+ 18. Rg2 Cg5 19. Bxg5 hxg5 com pouca ou nenhuma compensação pelo peão ou 17. gxf4 exf4. Sem fuga para o bispo de *e3*, ver-se-iam obrigadas a devolver o material, ficando em desvantagem.

17 Cc4 Rh7 18. Tfd1 Bf8 19. Df3 Chf6 20. Td2 De8 21. Tad1

As brancas constroem o seu jogo à base de um plano previamente estabelecido. Todas as suas jogadas ocultam atrás de si uma ideia definida. O seu adversário, pelo contrário, não se preocupou em dar um objectivo às jogadas. As suas peças saltitam de um lado para o outro, deteriorando uma posição que já não se deve salvar.

Para as brancas tudo consiste agora em eliminar os pontos *d6*, *d7* e *d8* e, deste modo, penetrar, se possível, na sétima fila com uma torre que infalivelmente causará estragos na estrutura de peões pretos.

21. Cc5 22. Cd6 Bxd6 23. Txd6 Ccd7 24. Ca4 De7 25. Txe6 Dxe6 26. Cc5 Cxc5 27. Bxc5 Ce8

Necessário para impedir 28. Td6.

28. Rg2 Rg7

Se 28... Dc4 segue 29. Td7.

29. b3 b6

As pretas desistem de esperar. Com uma torre presa à defesa do peão *a7* e uma dama presa à defesa do ponto *d7*, deveriam sucumbir à manobra Td3 seguida de Dd1 ou a um Dd3 directo.

30. axb6 axb6 31. Bxb6 Ta2 32. Dd3 Cf6 33. Bc5 Ch7 34. Be3 Cf6 35. Td2 h5 36. f3 h4? 37. g4 Ch7 38. Dd8 Df6

Se Cf6 segue Bg5.

39. Dxf6 Rxf6 40. Td6 + 1:0

J. SILVA - J. P. SANTOS
Defesa Grunfeld

1. d4 Cf6 2. c4 g6 3. Cc3 d5 4. cxd5 Cxd5 5. e4 Cxc3 6. bxc3 Bg7

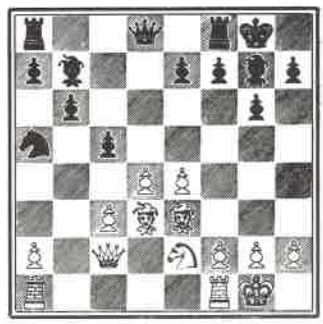
As brancas ocuparam o centro do tabuleiro com peões. Obtiveram o seu domínio. Ganharam espaço. Por detrás dos seus peões, podem movimentar-se, sem problemas, de um lado do tabuleiro para o outro. As negras, por seu turno, têm os movimentos bastante limitados. As casas *f5*, *e5*, *d5* e *c5*, controladas pelo adversário, são inacessíveis, não podendo ser ocupadas pelas suas peças. Vêem-se assim obrigadas a movimentar as suas forças nas três primeiras horizontais do seu campo. As suas peças têm campos de acção muito pequenos. O bispo em *c8*, por exemplo, não pode tomar parte activamente num movimento no flanco do rei e, do mesmo modo, o bispo de *g7* só muito dificilmente deixará de ser espectador duma possível escaramuça no flanco de dama.

As brancas aproveitarão esta situação para um ataque ao rei adversário, que rocará pequeno. As pretas unirão as suas forças num ataque ao centro adversário.

7. Bc4 0-0 8. Ce2 Cc6 9. 0-0 b6 10. Be3 Bb7 11. Dc2?

As pretas farão c5 (depois de Ca5) mais tarde ou mais cedo. Libertarão a sua posição e eliminarão o peão *c3* (depois da troca as brancas devem jogar c3xd4), que é a mais forte defesa do peão em *d4*, tornando-o, a este, vulnerável. A coluna *c* poderá ser ocupada rapidamente com Tc8. As brancas colocam-se, assim, numa casa que será atacada pela torre adversária. Além disso, este lance em nada beneficiará a sua posição de ataque no flanco de rei. Melhor era 11. Tc1 ou 11. Dd2 para trocar com 12. Bh6 o bispo negro, único guardião do rei adversário, preparando um ataque à base de f2-f4-f5.

11... Ca5 12. Bd3 c5!



Ameaçando 13... c4, ganhando o bispo.

13. dxc5 bxc5 14. Bxc5 Dc7

Com este sacrifício as pretas desviaram a atenção das brancas do ataque ao rei e criaram muitas debilidades na posição adversária: a casa *c4* poderá ser ocupada pelo seu cavalo, e os peões *e4* e *c3* poderão ser atacados.

15. Bd4 e5 16. Be3 Cc4 17. Bg5

Era preferível 17. Bxc4, mas as brancas não se querem separar do seu bispo que defende *e4*.

17... h6 18. Bh4 g5 19. Bg3 Tfd8

Inverteram-se as posições. O bispo em *g3* está, temporariamente, enterrado vivo.

20. Tfd1 a5

As brancas evitaram 20... Ca3 ao defender o seu bispo com a torre. As negras buscam reforços: o peão caminha para *a3*, onde permitirá a entrada de uma torre na sétima horizontal (segunda das brancas), e, por outro lado, permite-se o lance Ba6 sem ter medo de um possível Da4, atacando o bispo (em *a6*) e o cavalo (em *c4*).

21. Db3?

As brancas afundam-se. A dama coloca-se à frente da torre preta, que ocupará *b8*. Era necessário 21. Bxc4.

21... Ba6 22. Bxc4

As brancas reconhecem finalmente que o cavalo preto é muito forte. A ameaça era 22... Tab8 e se 23. Dc2 então 23... Ca3 ou 23... Cb2 contra 23. Da4.

22... Bxc4 23. Dc2 Tab8

As pretas podiam recuperar o peão jogando 23... Bxe2 24. Dxe2 Dxc3, mas querem mais.

24. Tac1 Dc6 25. f3

Para colocar em jogo o bispo de *g3*.

25... Da6 26. Txd8 Txd8 27. Rf1

27... a4!

As brancas continuam impedidas de discutir a posse das colunas (se 28. Td1 segue 28... Bxe2+ 29. Dxe2 Txd1+). A ameaça a3 seguida de Tb8 e Tb2 começa a preocupá-las.

28. Bf2 a3 29. Bc5

Para responder a Tb8 com Bb4 (se jogam Tb1, depois de Tb8, perdem o cavalo de *e2*).

29... Tc8 30. Bb4 Bf8

Com a ameaça 31... Bxb4 32. cxb4 Bxe2. Se agora 31. Bxf8 Txf8 seguido de Tb8 e as pretas conseguem o objectivo de colocar uma torre na sétima horizontal.

31. Td1

31. Te1 (ou 31. Ta1) é mau, pois permite 31... Bxb4 32. cxb4 Bd3 e 33... Tc2. As brancas são assim induzidas a colocar uma torre em *d1*, o que se revelará prejudicial.

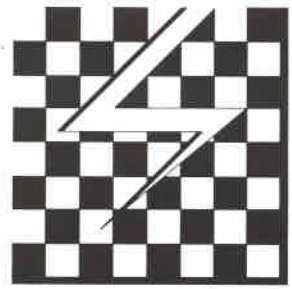
31... Tb8 32. Tb1

Perdendo rapidamente e não permitindo a continuação básica e mais bonita: 32. Dd2 Bxb4 33. cxb4 Txb4! 34. Dxb4 Bxe2 35. Re1 Bxd1 36. Rxd1 Df1+ 37. De1 Dxg2, ganhando. Sem a torre em *d1* esta continuação não seria possível.

32... Bd3 33. Dd1 Bxb1 34. Dxb1 Dc4 35. Re1 Bxb4 36. cxb4 Txb4 0:1

Comentários de JOSÉ P. SANTOS

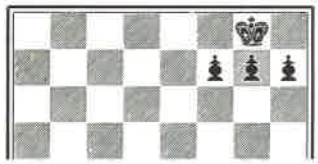
Temas de Ataque ao Roque



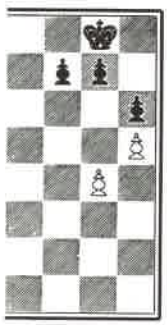
O roque é geralmente um bom lance, pois, além de aumentar a comunicação das peças e, portanto, a sua harmonia, coloca o monarca num lugar seguro.

Seguro? Bem, de qualquer modo será sempre bom ter, pelo menos, uma peça perto dele; normalmente um cavalo chega para defendê-lo.

A melhor posição dos peões do roque é a inicial, pois aí as suas possibilidades defensivas são maiores. Não existem debilidades nem pontos de ruptura em frente do roque.



Os diagramas seguintes mostram casos típicos de ruptura.

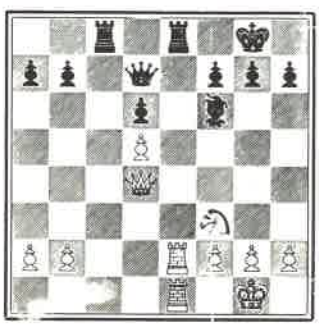


No diagrama da esquerda, as casas **f5** e **h5** são pontos de ruptura; as casas **h6** e **f6** são debilidades.

No diagrama da direita, o ponto **g5** é de ruptura.

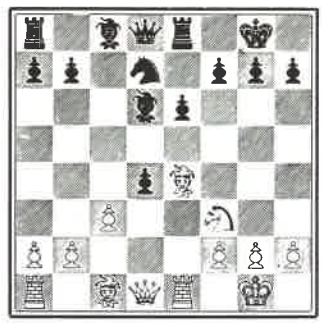
Trataremos, por enquanto, apenas do roque com os respectivos peões na sua posição inicial. Apesar de ser a melhor posição defensiva, permite um mate de torre na 8.ª fila, pois o rei fica sem qualquer fuga. Este mate é relativamente fácil de evitar, mas podem acontecer temas curiosos como no exemplo seguinte.

Aqui, tanto a dama negra como a torre de dama estão **agarradas** à defesa da outra torre. O primeiro lance, embora espectacular, é bastante simples.



1. Dg4! Db5 (se 1... Dd8 2. Dxc8!; realmente, a posição é incómoda para as regras) **2. Dc4!! Dd7 3. Dc7 Db5 4. a4a Dxa4 5. Te4! Db5 6. Dxb7! 1:0** (compreende-se agora porque é que as brancas não jogaram imediatamente 4. Dxb7, pois seguir-se-ia Dxe2 e o feitiço virava-se contra o feiticeiro: 5. Txe2 Tc1+, etc.) (de uma partida célebre. **ADAMS - TORRE,** N. Orleans, 1920).

Contudo, existem combinações típicas de ataque ao roque que implicam sacrifícios, mesmo quando os peões estão na 2.ª fila. A mais conhecida e frequente dessas combinações é a que principia com um sacrifício de bispo no peão de torre ppara logo entrar um cavalo em **5 de cavalo** com xeque e a dama em **5 de torre** com efeitos decisivos. Por vezes não é tão simples, e o primeiro sacrifício terá que ser seguido por outros para se conseguir o desejado mate.



Aqui o sacrifício em **h7** parece não servir, pois as pretas têm à sua disposição o lance 3... Cf6, protegendo a entrada em **h7.**

É preciso estar sempre atento a este lance de defesa e a outros como Cf8 ou Bf5, que muitas vezes refutam imediatamente o sacrifício

1. Bxh7+! Rxh7 2. Cg5+ Rg6

Se 2... Rg8 3. Dh5 Cf6 4. Dxf7+ (por este ponto estar desprotegido é que o sacrifício é possível) Rh8 5. Txe4!! Cxe4 6. Dh5+ Rg8 7. Dh7+ Rf8 8. Dh8+ Re7 9. Dxg7++ (aqui se vê a importância que podem ter as casas d6 e d8 neste tipo de sacrifício quando o rei foge por f8).

3. h4! (ameaçando h5+!, lance temático neste tipo de ataque) **Th8 4. Txe6+!! Cf6**

Se fxe6 5. Dd3+ (lance também bastante frequente) Rf6 6. Df3+ Rg6 7. Df7+ Rh6 8. Cxe6 seguido de mate.

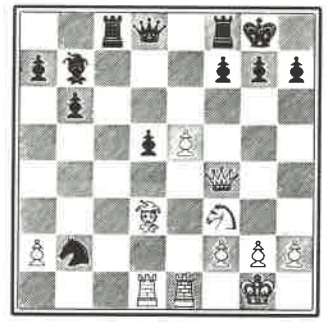
5. h5+! Rh6 (se Txh5 6. Dd3+ Rh6 7. Cxf7++) **6. Txd6!? Da5 7. Cxf7+ Rh7 8. Cg5+ Rg8 9. Db3+ 1:0.**

(De uma partida **COLLE - O'HANLON,** Nice, 1930).

Por vezes, este ataque temático aparece em partidas de grandes-mestres actuais! Como no exemplo seguinte:

POLUGAEVSKI - TAL

Moscovo, 1969

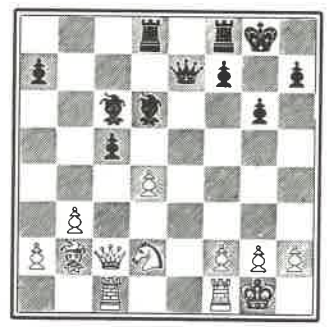


1. Bxh7+ Rxh7 2. Cg5+ Rg6 3. h4! Tc4 4. h5! Rh6 5. Cxf7+ Rh7 6. Df5+ Rg8 7. e6 Df6 8. Dxf6 gxf6 9. Td2 Tc6 (defendendo Cd6) **10. Txb2 Te8 11. Ch6+ Rh7 12. Cf5 Tcxe6 13. Txe6 Txe6 14. Tc2 Tc6 15. Te2 Bc8 16. Te7+ Rh8 17. Ch4 f5 18. Cg6+ Rg8 19. Txa7 1:0**

Seguem-se dois exemplos clássicos de duplo sacrifício de bispo nos peões de torre e cavalo.

NIMZOVICH - TARRASCH

S. Petesburgo, 1914



1... Bxh2+! 2. Rxh2 Dh4+ 3. Rg1 Bxg2!!

Se 4. Rxg2 Dg4+ 5. Rh2 Td5 6. Dxc5 Df4+ 7. Rg2 Txc5 8. Txc5 Dxd2, ganhando uma peça.

4. f3 Tfe8 (ameaçando Dg3 e, se Ce4, Txe4!) **5. Ce4** (agora se 5. Rxg2 Te2+) **Dh1+ 6. Rf2 Bxf1 7. d5 f5 8. Dc3 Dg2+ 9. Re3 Txe4 10. fxe4 f4+** (mais rápido seria Dg3+ 11. Rd2 Df2+ 12. Rd1 De7++) **11. Rxf4 Tf8+ 12. Re5 Dh2+ 13. Re6 Te8+ 14. Rb7 Bd5++** (esta partida ganhou um prémio especial de brilhantismo).

continua na página seguinte

de Marcel Duchamp a Julius Breyer

continuação da página 4

dável e maquiavélico potencial de energia, e os quais se nos apresentaram, em toda a sua seriedade, como científicos. Através destes métodos foi-nos prometido o desvendar de segredos ancestrais. A palavra de ordem era: Não construir, mais obstruir uma posição. *Os ídolos da velha escola foram esmagados; as aberturas preferidas foram refutadas, sendo posta em causa a Abertura dos 4 Cavalos; mas, acima de tudo — como Breyer defende num dos seus tratados —* Depois de 1.e4 as brancas entram na agonia.»

Embora a definição de Tartakover contenha algumas imprecisões ela é, particularmente, justa tendo em vista a personalidade de Julius Breyer, conforme notou Reti.

Breyer corresponde, no xadrez, a Duchamp, na pintura. As suas afirmações espectaculares são verdadeiros brados surrealistas ou DaDa, pautando-se pela expressão latina «Credo quia absurdum» (Acredito porque é absurdo). Com o título «Uma posição complicada» (a posição inicial), Breyer escreveu um artigo no qual tentou provar que 1. d4 era superior a 1. e4.

A sua originalidade foi ao ponto de ser o único editor de um jornal, publicado em Bratislava, «Czellini Sport» (Desporto para o espírito), no qual os problemas propostos excediam o imaginável. Reti, no seu livro «Modern ideas in Chess» descreve um desses problemas: «*Jogam as brancas: quem ganha? A posição era complicada. Todas as peças de ambos os lados estavam «en prise», somente depois de uma análise cuidada poder-se-ia considerar que as brancas estavam destinadas a ter vantagem. Contudo não era esta a solução correcta. Pelo contrário, o que era aparentemente incrível podia ser provado, ou seja, que nos últimos 50 lances nenhuma peça tinha sido tomada e nenhum peão se movera. Deste modo, de acordo com as regras do xadrez, a posição estava empatada.*»

E chegamos, desta maneira, ao termo do nosso breve estudo, cujo fito foi demonstrar a autenticidade da integração do xadrez no campo da arte, mais próprio que o dos jogos que lhe é, vulgarmente, atribuído.

Ouçamos, a concluir, as opiniões de alguns dos maiores xadrezistas de todos os tempos. São temas de meditação para os nossos leitores interessados na matéria, pelo que nos limitaremos a apresentar as diversas concepções propostas.

Yuri Averbach, grande-mestre da URSS, escreve sobre finais artísticas: «*A composição xadrezística é uma faceta da arte criadora que satisfaz, esteticamente, o autor e o leitor.*»

Alexandre Alekhine, ex-campeão mundial e um dos maiores génios de sempre: «*O xadrez, para mim, não é um jogo mas uma arte. Considero o xadrez uma arte e assumo, por consequência, todas as obrigações que a arte impõe aos seus cultores.*»

Vassili Smyslov, ex-campeão do Mundo e um dos mais famosos pensadores da Escola Soviética: «*No xadrez vislumbrei uma interessante esfera de ideias criadoras construídas em torno do raciocínio de dois adversários em confronto, os quais, no decorrer da intensa luta, swo levados a criar uma obra de arte.*»

Finalmente, eis a definição expressa na enciclopédia soviética «Bolshaya»: «*O xadrez é uma arte que se apresenta na forma de um jogo.*»

Perante estes despoimentos resta-nos um desejo, é o de que o xadrez passe a pertencer ao seu verdadeiro mundo, à sua verdadeira história, a História da Arte e da Cultura dos Povos.

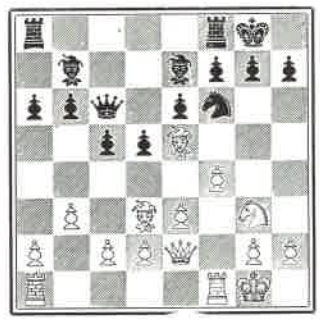
DAGOBERTO L. MARKL

Temas de Ataque ao Roque

continuação da página anterior

LASKER - BAUER

Amsterdão, 1889



1. Ch5 Cxh5 2. Bxh7+! Rxh7 3. Dxh5+ Rg8 4. Bxg7!! Rxg7 (aqui o bispo tem de ser aceite; se f6 5. Tf3, etc.) **5. Bg4+ Rh7 6. Tf3 e5 7. Th3 Dh6 8. Txh6+ Rxh6 9. Dd7! Bf6 10. Dxb7 Rg7 11. Tf1 Tab8 12. Dd7 Tfd8 13. Dg4+ Rf8 14. fxe5 Bg7** (se 14... Be5 15. De6!, ganhando o bispo) **15. e6 Tb7 16. Dg6 f6 17. Txf6+ Bxf6 18. Dxf6+ Re8 19. Dh8+ Re7 20. Dh7+ 1:0**

É interessante notar como este ataque ao roque jogado por Lasker há quase cem anos serviu de inspiração em duas partidas do grande-mestre dinamarquês Bent Larsen. Vejamos apenas os primeiros lances de uma dessas partidas.

ANDERSSON - LARSEN

Estocolmo, 1975

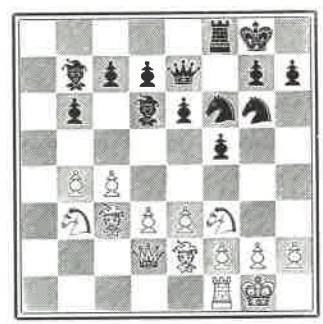
1. Cf3 e6 2. c4 b6 3. e3 Bb7 4. Be2 f5 5. b3 Cf6 6. Bb2 Bd6 7. 0-0 0-0 8. d3 (muito sólido este jovem Andersson) **Cc6 9. Cbd2 Ce7**

A ideia das negras aqui é montar um ataque ao roque na base de Cg6-h4 ou até Cg4, e se o cavalo de **f3** for eliminado o tema de duplo sacrifício de bispo pode aparecer.

Aqui Andersson acautelou-se mais uma vez e jogou **10. Ce5,** antecipando-se a Cg6. São sempre mais difíceis de alcançar boas posições de ataque jogando de negras.

FRAGUELA - LARSEN

Las Palmas, 1976



Mais uma vez a mesma disposição de forças. Neste exemplo pode-se reparar noutro tipo de ataque que esta disposição pode ocasionar.

1... Cg4! 2. g3 h5!? (tentador era 2.. Ch4, pois se 3. gxh4 Dxh4, mas 3. Ce1!) **3. c5 bxc5 4. bxc5 Bxc5 5. h3 Cf6 6. Cxc5 Dxc5 7. Bb4 Dd5 8. Bxf8 Ce5 9. e4?** (um erro grave em posição difícil) **Cxe4!** (se 10. dxe4 Cxf3+, ganhando a dama) **10. De3 Cd2!** (se 10... Cg5?? 11. Dxg5!, ameaçando mate) **0:1**

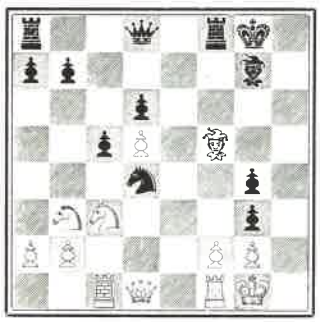
Este exemplo põe em evidência como o avanço do peão **g2** enfraqueceu a casa **f3,** o que trouxe consequências desastrosas.

LUÍS SANTOS

Partidas Recentes

M. KAHN - MESSERE
Correspondência
Inglesa
1. c4 e5 2. Cc3 f5 3. d4 e4 4. Ch3 Cf6 5. e3 g6 6. Be2 Bg7 7. 0-0 c6 8. b4 d5 9. Cf4 Dd6 10. Db3 Be6 11. cxd5 Bxd5 12. Ccxd5 cxd5 13. b5 Bf8 14. a4 Dd7 15. f3 g5 16. Ch5 Cxh5 17. fxe4 Cg7 18. exf5 h5 19. Bf3 Cxf5 20. Bxd5 Ch6 21. Tf6 a6 22. Tb6 Ta7 23. Bc6 Cxc6 24. bxc6 bxc6 25. Tb8+ Re7 26. Ba3+ Rf6 27. Tf1+ Rg6 28. Bxf8 Cf5 29. Dd3 h4 30. Td8 Dxd8 31. Dxf5+ **1:0.**

H. REDWANZ - V. ANTON
Correspondência
Benoni
1. d4 Cf6 2. c4 c5 3. d5 d6 4. Cc3 g6 5. e4 Bg7 6. Cf3 0-0 7. Be2 e6 8. 0-0 exd5 9. cxd5 Te8 10. Dc2 Ca6 11. Bf4 Cxb4 12. Db1 Ch5 13. Bg5 f6 14. Bh4 g5 15. Bg3 f5 16. Cd2 g4 17. Bb5 Tf8 18. exf5 Bxf5 19. Dd1 Cc2 20. Tc1 Cxg3 21. hxg3 Cd4 22. Bc4 h5 23. Cb3 h4 24. Bd3 hxg3 25. Bxf5.



25... Cf3+ 26. gxf3 Dh4 27. Be6+ Rh8 28. fxg3 Dxg3+ 29. Rh1 Tf6 30. Dd2 Th6+ 31. Dxh6+ Bxh6 32. Ce4 Dh3+ 33. Rg1 Be3+ 34. Tf2 Dxf3 35. Cbd2 Bxf2+ 36. Cxf2 Dg3+ 37. Rf1 Tf8 38. Ce4 Df3 39. Bxg4 Dxe4 **0:1.**

S. SEMINA - N. ORLOVA
Moscovo 1977
Pirc
1. e4 d6 2. d4 Cf6 3. Cc3 g6 4. Cc4 c6 5. De2 b5 6. e5 bxc4 7. exf6 Be6 8. fxe7 Dxe7 9. Ce4 Cd7 10. Bg5 f6 11. Bf4 d5 12. Cd6+ Rd8 13. 0-0-0 Cb6 14. Te1 Rd7 15. Cb7 Df7 16. Cf3 h5 17. Cc5+ Bxc5 18. dxc5 Cc8 19. Ce5+ fxe5 20. Dxe5 Df5 21. Dc7+ Re8 22. Bd6 Tg8 23. Dxc6+ Rf7 24. Dxa8 Cxd6 25. Dxa7+ Rf6 26. cxd6 Df4+ 27. Te3 Tg7 28. Db8 d4 29. Dd8+ Rf5 30. g3 Dh6 31. Df8+ Bf7 32. Dc8+ Rf6 33. Dd8+ Rf5 34. Dd7+ Rf6 35. De7+ **1:0.**

K. PETRZELKA - DIJKSTRA
Correspondência
Francesa
1. e4 e6 2. d4 d5 3. Cd2 c5 4. Cgf3 Cf6 5. e5 Cfd7 6. c3 Cc6 7. Bd3 Db6 8. 0-0 cxd4 9. cxd4 Cxd4 10. Cxd4 Dxd4 11. Cf3 Db6 12. Da4 Db4 13. Dc2 Cc5 14. Bd2 Da4 15. b3 Dd7 16. Be2 Be7 17. Cd4 0-0 18. f4 f5 19. Be3 Ce4 20. Rh1 Dd8 21. g4 g6 22. gxf5 exf5 23. Cb5 Bd7 24. Cxa7 Ba3 25. Bd3 Be6 26. Bd4 Da5 27. Cb5 Tfc8 28. Cd6 Cxd6 29. exd6 Bxd6 30. Tad1 Db4 31. Db1 Bc5 32. Bf6 De4+ **0:1.**

D. VELIMIROVICH - O. ROMANICHIN
Talin 1977
Francesa
1. e4 e6 2. d4 d5 3. Cc3 Be7 4. e5 b6 5. g4 Ba6 6. Bxa6 Cxa6 7. f4 h5 8. gxh5 Bh4+ 9.Rf1 Ce7 10. De2 Cb8 11. Cd1 Cbc6 12. c3 Dd7 13. Ce3 g6 14. hxg6 fxg6 15. cf3 0-0-0 16. Tg1 Tdf8 17. Tg4 g5 18. Cg2 Cf5 19. Rg1 Dh7 20. fxg5 Bg3 21. Bf4 Dh5 22. Txg3 Cxg3 23. Bxg3 Txf3 24. Te1 Txg3 25. hxg3 Dh2+ **0:1.**

D. BRONSTEIN - W. UHLMANN
Talin 1977
Francesa
1. e4 e6 2. d4 d5 3. Cc3 Bb4 4. e5 Ce7 5. a3 Bxc3+ 6. bxc3 c5 7. Dg4 Dc7 8. Dxg7 Tg8 9. Dxh7 cxd4 10. Ce2 Cbc6 11. f4 Bd7 12. Dd3 dxc3 13. h4 0-0-0 14. h5 Cf5 15. h6 Tg6 16. h7 Th8 17. Th3 d4 18. Tb1 Be8 19. Df3 Dd8 20. g4 Ch4 21. Dh1 Txg4 22. Cg3 Txh7 23. Ce4 Cxe5 24. fxe5 Bc6 25. Bd3 Rc7 26. Rf2 Th5 27. Tf3 Dg8 28. Bf4 Cxf3 29. Dxh5 Txf4 30. Dh6 Dg5+ **0:1.**

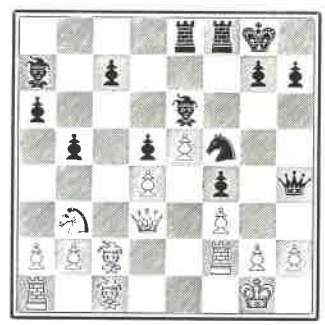
V. VOROTNIKOV - I. IVANOV
URSS 1977
Vienesa
1. e4 e5 2. Cc3 Cf6 3. g3 Bb4 4. Bg2 0-0 5. Cge2 c6 6. 0-0 d5 7. d4 exd4 8. Dxd4 c5 9. Dd1 dxe4 10. Cxe4 Cxe4 11. Bxe4 De7 12. Dd3 Te8 13. Bxh7+ Rh8 14. c3 c4 15. Dc2 Dxe2 16. cxb4 Dxf1+ **0:1.**

V. HROMADA - MERTENS
Correspondência
Escocesa
1. e4 e5 2. Cf3 Cc6 3. d4 cxd4 4. Cxd4 Cf6 5. Cxc6 bxc6 6. e5 Cd5 7. Bd3 Bc5 8. Dg4 g6 9. Bh6 d6 10. Da4 Bd7 11. 0-0 dxe5 12. Bg7 Tg8 13. Bxe5 Bd6 14. Te1 Bxe5 15. Txe5+ Rf8 16. Cc3 Cxc3 17. Db4+ Rg7 18. Dxc3 Df6 19. Tae1 Tge8 20. f4 h6 21. Bxg6 Txe5 22. fxe5 Dxg6 23. e6+ Df6 24. Dg3+ Rh7 25. Dd3+ Rg7 26. exd7 Td8 27. Te8 Dg5 28. Dd4+ Rg6 29. h4 **1:0.**

A. GIPSILIS - J. NEI
Talin 1977
Espanhola
1. e4 e5 2. Cf3 Cc6 3. Bb5 a6 4. Ba4 b5 5. Bb3 Ca5 6. 0-0 d6 7. d4 f6 8. Ch4 Cxb3 9. axb3 Dd7 10. c4 Bd7 11. Cc3 Ce7 12. f4 exf4 13. Txf4 b4 14. Cd5 Cxd5 15. exd5 0-0-0 16. Tf2 g6 17. Bd2 f5 18. Cf3 Be7 19. Bxb4 g5 20. Dd3 Tdf8 21. Cd2 Tf7 22. Te1 g4 23. Te6 Thf8 24. g3 Bg5 25. h4 gxh4 26. Cf3 Bd8 27. Bd2 f4 28. Bxf4 Txf4 29. gxf4 Txf4 30. De3 Dg7+ 31. Rh2 Tg4 32. Cel Rd7 33. Txd6+ cxd6 34. De6+ Rc7 25. Tf7+ Rb8 36. Dxd6+ **1:0.**

G. PIRISI - J. CZÁR
Correspondência
Siciliana
1. e4 c5 2. f4 e6 3. Cc3 Cc6 4. Cf3 d6 5. Bb5 Bd7 6. a4 Cge7 7. 0-0 a6 8. Bc4 Cd4 9. Cxd4 cxd4 10. Ce2 b5 11. Ba2 Cc6 12. f5 e5 13. axb5 Cb4 14. Bb3 axb5 15. Txa8 Dxa8 16. d3 Ca6 17. Cg3 Cc5 18. Bxf7+ Rxf7 19. Dh5+ Rg8 20. f6 gxf6 21. Txf6 De8 22. Bh6 Bxh6 23. Dxh6 De7 24. Ch5 **1:0.**

J. EVENTOV - K. BOESE
Correspondência
Espanhola
1. e4 e5 2. Cf3 Cc6 3. Bb5 a6 4. Ba4 Cf6 5. 0-0 Cxe4 6. d4 b5 7. Bb3 d5 8. dxe5 Be6 9. c3 Bc5 10. Cbd2 0-0 11. Bc2 f5 12. Cb3 Ba7 13. Cfd4 Cxd4 14. cxd4 f4 15. Bd3 Dh4 16. f3 Cg3 17. Tf2 Cf5 18. Bc2 Tae8 19. Dd3.



19... Cxd4 20. Cxd4 Bf5 21. Dd2 Bxc2 22. Te2 Tf5 23. Rh1 Tfxe5 24. Txe5 Txe5 25. Cxc2 Dxh2+ **0:1.**

H. BURGER - J. STEINER
Correspondência
Catalã
1. d4 Cf6 2. c4 e6 3. g3 d5 4. Bg2 Be7 5. Cf3 00 6. 0-0 dxc4 7. Dc2 a6 8. a4 Cc6 9. Dxc4 Dd5 10. Dd3 Td8 11. Cc3 Dh5 12. Dc4 Cd5 13. a5 Tb8 14. e4 Cbd4 15 Bf4 e5 16. Cxe5 Bd6 17. Cxc6 Cxc6 18. e5 Be7 19. Tfd1 g5 20. Be3 Be6 21. d5 Bg4 22. dxc6 Bxd1 23. Cd5 **1:0.**

Bispo contra Cavalo

continuação da página 6

61. Ce1 Bg5! 62. Cc2 Bf6!

Esta nova perda de tempo volta a imobilizar o cavalo (63. Cel f4). As brancas são forçadas a jogar o rei.

63. Rd3 Rf2 64. Ca1 *(seria desastroso 64. Rxc3 Re2)* **Bd8! 65. Cc2 Bg5!**

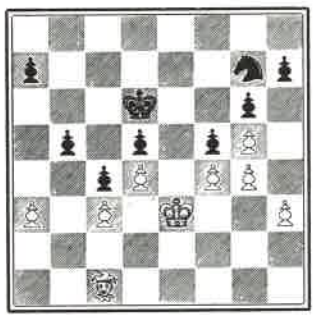
Terceira manobra de perda de tempo, desta vez com base na ameaça a *e3*, obrigando as brancas a avançarem o *Pb4*.

66. b5 Bd8 67. Cb4 Bb6! 68. Cc2

Continuam os temas tácticos. Se 68. Cc6 Rel! 69. Cb8 Ba5 70. Cc6 Rd1!

68... Ba5! 69. Cb4 Re1! 0:1

O abandono justifica-se. Se 70. b6 (70. Rxc3 Re2; 70. Cc2 Rd1 71. Cal Rc1 72. Cc2 Rb2) Bxb6 71. Rxc3 Re2 72. Cc2 Ba5 73. Rb2 Bd2 74. Rb1 Bc3, e as brancas estão em *zugzwang*.



Apesar de a posição anterior ser bastante fechada, o bispo conseguiu impor-se ao cavalo, primeiro ao auxiliar a captura do peão *h4* e, depois, ao forçar a marcha vitoriosa do seu rei. No exemplo que agora vamos ver, porém, o bispo não só se encontra numa posição ainda mais fechada, como também se vê perante uma desvantagem muito mais importante: *as casas por onde se move são da mesma cor daquelas em que estão bloqueados os seus peões*, o que, noventa por cento das vezes, é suficiente para tomar um *bispo mau*, isto é, remetido apenas à defesa, sem espaço de manobra, e sem a possibilidade de contra-atacar os peões inimigos, desdenhosamente colocados em casas de cor diferente da sua (Bachtiar-Averbach, Indonésia, 1956).

1. Rd2 Re6 2. a4?

Segundo Euwe, as brancas obteriam o empate se, em vez de tentarem a toda a força activar o seu bispo, se limitassem a uma defesa passiva. Segundo ele, a partida teria podido prosseguir com 2. Re3 Ce8 3. Bd2 Cd6 4. Bel a5 5. Bd2 a4 6. Bc1! (6. Bel? b4! 7. cxb4 Cb5) b4!? (6... Cb7 7. Bd2 Ca5 8. Bcl Cb3 9. Bb2!, mas não 9. Bd2? b4! 10. cxb4 Ca1) 7. cxb4! (7. axb4 Cb5 8. Bb2 a3 9. Ba1 Cd6 10. Rd2 Rd7 11. Rc2 Rc6 12. Rb1 Rb5 13 Ra2 Ra4, ganhando, ou 8. Rd2 a3 9. Rc2 a2, que também deve assegurar a vitória) Cb5 8. Bb2!, empatando. Atente-se em que, nesta linha, o cavalo não consegue materializar a sua vantagem *porque a posição é cerrada demais!*

2... bxa4 3. Ba3 Rd7

Se 3... Ce8 4. Rc2 Cd6?? 5. Bxd6 Rxd6 6. gxf5 gxf5 7. h4 seguido de 8. h5, e ganham as brancas.

4. Rc2 Rc6 5. Rb1 Ce6? 6. Bc1?

Um instrutivo par de erros. As pretas deviam ter trocado os peões na jogada anterior, pois as brancas salvavam-se agora com 6. gxf5 gxf5 7. Bcl, e a maioria do flanco de rei é suficiente para equilibrar as operações.

6... fxg4 7. hxg4 Cc7 8. f5?

Muito mais difícil era a tarefa das negras depois de 8. Ba3!. Averbach, porém, demonstrou que a causa das brancas já não tinha defesa: 8. Ba3 Cb5 9. Rb2! Rd7 10. Bb4 Cc7! (ameaça 11... Ce6, o que força o avanço do *Pf*) 11. f5 Cb5! 12. Bc5 Re8 13. Bb4 Rf7 14. Bc5 Rg7 15. Be7 a6 16. Bb4 gxf5! 17. gxf5 h5!! e, depois de 18. gxh6+, o rei preto captura em *f5*, penetrando seguidamente até *d3*, seguindo-se a4-a3+, etc.

8... Cb5 9. Rc2 Rd7 10. f6 Re6 11. Rb2 a3+ 12. Ra2 Cxc3+ 13. Rxa3 Cb5 - 14. Ra4 Cxd4 15. Be3 Cf3 16. Rb4 d4 17. Bc1 Ce5 18. Ba3 a5 0:1

ALVARO PEREIRA

---

continuação da página 7

Fomento e dinamização realizados na Região do Porto

sentou um jogo disputado por dois alunos. O «dossier» da experiência, que seria enviado ao MEIC, DGD, etc., não foi ainda concluído, mas espera-se que o venha a ser, constituindo um importante instrumento de trabalho para outras pessoas que pretendam desenvolver e diversificar a ideia.

6.

As simultâneas, realizadas abundantemente, merecem uma referência especial, apesar de se integrarem em outros pontos referidos. Na verdade, as experiências efectuadas puseram em evidência que as simultâneas são o meio mais simples e um dos mais eficazes de realizar, quer a propaganda/divulgação a nível geral, quer o impulso inicial de que muitos núcleos constituídos necessitam, para se manter o interesse dos iniciados. Efectuaram-se dezenas de simultâneas, nos meios mais diversos, e nas condições mais díspares, sendo efectuadas quer através da A.X.P., que contactava os dois ou três «habitués» para satisfazer pedidos que lhe chegavam às mãos, quer por contacto directo entre os núcleos e os jogadores mais conhecidos; os jogos e tabuleiros necessários foram, invariavelmente, cedidos pela A. X.P. Importante é registar, no entanto, que, não estando devidamente definidos os critérios de subsídios para actividades de fomento, as despesas (quase todas de deslocação) relacionadas com estas actividades (e não só simultâneas) foram cobertas, umas vezes pela A.X.P., outras pelos núcleos, outras ainda pelo próprio simultaneador.

7.

A descentralização dos «pontos irradiadores» de Xadrez foi um factor considerado importante. Dentro dessa óptica se desenvolveram esforços, já há cerca de dois anos, que culminaram com a criação da A. X. Braga. Será interessante que os responsáveis da A.X.B. contem também das suas experiências, que sabemos existirem, mas de que temos poucas informações. A outros níveis, e de uma forma de certo modo já referida, procurou-se alargar as zonas de influência da modalidade, buscando apoio nos núcleos que se vão tornando para atingir regiões mais afastadas, numa epansão «radial». Um factor a aproveitar, nomeadamente em zonas rurais, é o elevado número de estudantes oriundos dessas regiões e que, já despertos para o fenómeno xadrezístico, incentivam a sua divulgação nas terras de origem. Citamos, como exemplo, Travessô (perto de Águeda), em que um indivíduo que vive no Porto grande parte do ano estabeleceu a ligação entre pessoas que trabalham no Xadrez, no Porto e o Centro Juvenil de Travessô, contacto de que resultou uma simultânea que nos permitiu observar um desenvolvimento apreciável, realizado a partir de algum tempo atrás, com apoio material da Delegação da D.G.D. de Aveiro.

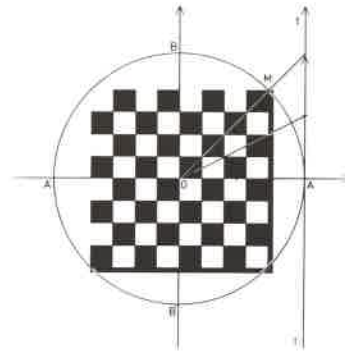
8.

Para terminar, uma referência à necessidade de centralização de informações sobre a difusão, propaganda e fomento. Ela é decisivamente importante, devendo ser feita quer nas Associações, quer na Federação, com a colaboração indispensável de todos os que fizeram qualquer coisa pelo Xadrez. O apelo aqui fica.

MANUEL MATOS

Problemas

O Xeque como elemento temático



Em muitos problemas as pretas têm um ou mais lances de xeque ao R branco, quer na posição inicial, quer depois de feita a chave.

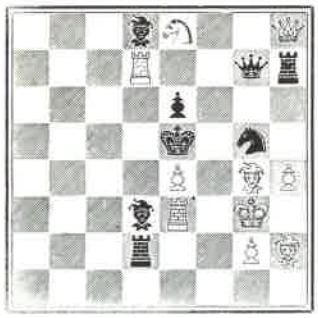
Isso não significa, evidentemente, que seja o xeque o tema do problema.

Se analisarmos o exemplo I, vemos que na posição inicial há dois xeques pretos, os quais têm, como é de regra, a imediata resposta branca de mate.

I

G. LEGENTIL

«L'Action Française», 1928



2x

Assim: 1... **Txg2** ; **2. Rxg2++**; 1... **Cxe4+ 2. Rf3** ou **h3++**

Mas a ideia que preside ao problema, o seu tema, é o da «Bateria Real».

A solução é **1. Bh3**, ameaçando **2. Rg4++**.

1... **Cxe4+** (ou **f7** ou **f3**) **2. Rf3++**
1... **Cxh3+ 2. Rxh3++**
1... **Txg2+ 2. Rxg2++**
1... **Txh4 2. Rxh4++**
1... **Be2 2. Rf2++**

Há, portanto, seis mates diferentes por lances do R branco que desmascara o B com o qual forma *bateria*, e é este o tema do problema «Bateria Real» ou «Xeques Reais».

Os xeques brancos em resposta aos xeques pretos classificam-se em *xeques directos* quando é tomada a peça atacante, e *xeques cruzados* no caso contrário.

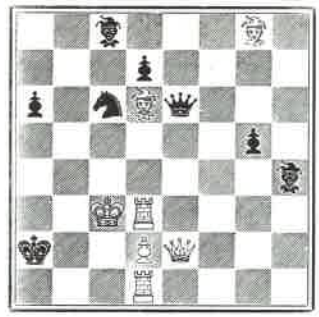
Assim, no problema I os lances do *g5* conduzem a *xeques cruzados*, enquanto que **Txg2+ 2. Rxg2** é um xeque directo.

O problema II apresenta já um verdadeiro tema de xeque.

II

CAMIL SERECA E DR. L. LINDNER

«Schckraerlden», 1935 — 1.º prémio



2x

A chave **1. Td5**, ao despregar a D negra, introduz os xeques, sendo, portanto, uma *chave temática*.

A ameaça é **2. Dc4++**. Segue-se:

1... **De3+ 2. dxe3++**; 1... **De5+ 2. Txe5++** *(xeques directos)*.

1... **Dh3+ 2. d3++**; 1... **Df6+ 2. d4++** *(xeques cruzados)*.

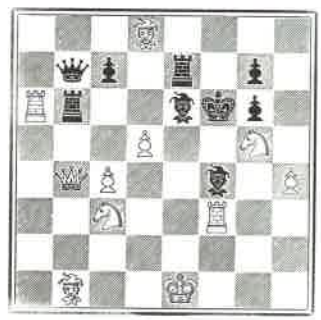
Bom jogo acessório quando 1... **Dxd5 2. Bxd5++** e 1... **Cb4 2. Ta5**, etc.

A ideia foi evoluindo e em 1937 apareceu o «Tema Goldschmiedt», que exige a *mudança de um xeque directo para dois xeques cruzados*, o que se vê no exemplo III.

III

E. GOLDSCHMIEDT

«Die Schiralbe», 1937



2x

Na posição inicial, se 1... **B∞+** (significa joga), **2. Dxe7++** por xeque directo.

Chave: **1. Db2** ameaça **2. Cb5++**

1... **B∞+ 2. Ce2++**

1... **Bf5+** evita **Ce2** pela despregagem do *Bf4*, mas provoca uma auto-obstrução em *f5*, e permite **2. Ce4++**.

Os dois xeques aparecem *cruzados*, como o tema exige.

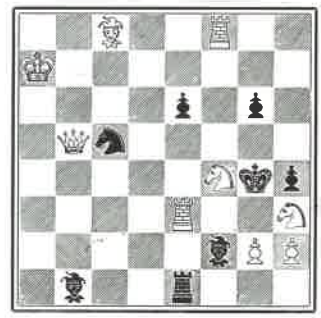
Jogo acessório: 1... **Dxd5 2. Cxd5++**; 1... **Txb2 2. Txe6++**

No problema IV o tema de xeque aparece combinado com a *correcção negra* ou *compensação de efeitos*.

IV

S. BREHMER

«Schach», 1951 — 1.º prémio



2x

A *correcção negra* é um tema muito importante, a que não deixarei de dedicar uma crónica completa. Hoje fica um pequeno apontamento.

1. Txe6 ameaça **2. Txg6++**

... **C∞** («joga» entende-se um lance *neutro*, isto é, para uma casa em que não produz qualquer efeito estratégico, por exemplo de C de *c5* para *a6*). A resposta branca para o lance *neutro* que é o *erro geral* das pretas é **2. Cxf2++**, visto a D branca passar a dominar a casa *g4*.

Mas as pretas *corrigem* o seu *erro* geral e jogam 1... **Cd3**, que defende o *Bf2*, mas intercepta o *Bb1* e **2. Te3++**. A T branca voltou à sua casa inicial; é o que em linguagem problemística se chama *switchback*.

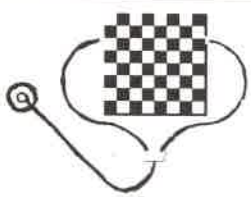
O C negro agora *corrige* os seus dois lances anteriores com 1... **Ce4**, evitando o *switchback*, mas intercepta o B e T negros, e segue-se **2. Tb6++**.

Combinação já bastante complexa, tendo sempre como base o xeque ao R branco, e que bem revela a evolução que o tema foi tendo.

Muitos outros exemplos se poderiam apresentar, principalmente de problemas em que o xeque se combina com efeitos de pregagem e despregagem, mas isso tornaria este artigo demasiado longo.

Terminamos com um tema de xeque num belo problema em 3 lances.

continua na página seguinte



Secção de Consulta

A partir do próximo número inseriremos uma secção de consulta de carácter técnico, que ficará a cargo de Victor Silva.

Os leitores interessados poderão dirigir-se por carta à Revista Portuguesa de Xadrez.

Campeonato Nacional de Juniores

No momento em que começa a ser distribuído este número da revista, está a disputar-se em Portalegre o IX Campeonato Nacional de Juniores.

Inscreveram-se na prova, por direito próprio, vinte jogadores, entre os quais João Sequeira (Elo 2088), António Fernandes (2056), Sílvio Santos (2086) e José Pereira dos Santos (2161), que por esta ordem se classificaram nos quatro primeiros lugares do Campeonato de Juniores da época passada, realizado no Verão, em Peniche.

De acordo com o regulamento da prova, e à semelhança do que aconteceu nos dois últimos campeonatos, as Associações e os Grupos directamente filiados foram convidados a indicarem tantos jogadores quantos os necessários para completar cinquenta participantes.

Espera-se boa luta nesta prova, que se joga em sistema suíço de nove sessões, tanto mais que o 1.º e o 2.º classificados terão direito a disputar respectivamente o Campeonato do Mundo e o Campeonato da Europa de Juniores. Por outro lado, o jogador melhor classificado que não complete dezassete anos até 30 de Setembro será o representante português no Campeonato do Mundo de Cadetes de 1977.

A organização está a cargo conjuntamente da Federação Portuguesa de Xadrez e do Grupo de Xadrez de Portalegre.

No próximo número incluiremos uma desenvolvida reportagem deste acontecimento.

I Torneio Intergrupos de Solução de Problemas

1977 foi proclamado pela F.I.D.E. como o Ano Internacional para a Promoção do Xadrez. Completando, simultaneamente, a Federação Portuguesa cinquenta anos, entendeu-se que a melhor maneira de comemorar a data seria lançar um conjunto de iniciativas que motivassem o maior número de pessoas para a prática do xadrez, o que passa pela extensão das actividades da F.P.X. a campos que até agora têm tido pouca ou nenhuma divulgação, como é o caso do problemismo.

Neste contexto, está a decorrer o I Torneio Intergrupos de Solução de Problemas, que está a despertar grande entusiasmo, e conta já com a participação de largas dezenas de grupos.

III Torneio Aberto do C.D.U.P.

Disputou-se em sistema suíço de nove jornadas, com a participação de trinta e oito jogadores, o III Torneio Aberto do C.D.U.P. Como nota curiosa, o facto de terem concorrido jogadores filiados em outras Associações (A. X. Braga e A. X. Lisboa). Venceu Jorge Guimarães, que parece manter a boa forma do fim da época passada, suplantando nitidamente todos os adversários.

Apresenta-se em seguida a classificação dos nove primeiros, e uma partida do vencedor.

1.º, **Jorge Guimarães** (C.D.U.P.), 7 ½ pontos; 2.º, **Sílvio Santos** (C.D.U.P.), 6 ½; 3.º, **António Cabral** (F.C.P.), 6 ½; 4.º, **Jorge Pinheiro** (C.D.U.P.), 6; 5.º, **Jaime Gilbert** (G.X.P.), 6; 6.º, **Jorge Coelho** (D.D.U.P.), 6; 7.º, **Beltrão Coelho** (O Clube), 5 ½; 8.º, **Álvaro Guimarães** (G. X. Braga), 5 ½; 9.º, **Carlos Prezado** (C.D.U.P.), 5 ½.

J. GUIMARÃES - A. CABRAL
Francesa

1. e4 e6 2. d4 d5 3. Cc3 Cf6 4. Bg5 Be7 5. e5 Cbd7 6. Bxe7 Dxe7 7. f4 a6 8. Cf3 c5 9. Bd3 Cc6 10. dxc5 Dxc5 11. De2 b5 12. 0-0-0 Cb6 13. Dd2 Bd7 14. The1 h6 15. f5 0-0-0 16. g4 Rc7 17. Ce2 b4 18. Rb1 a5 19. c3 Rb7 20. Tc1 Cc4 21. Df4 g5 22. fxg6 e.p. fxg6 23. cxb4 Dxb4 24. Bxc4 Tdf8 25. De3 dxc4 26. Ted1 Th7 27. Cd2 Thf7 28. Cxc4 Rc7 29. Cd6 Tb8 30. Dd7+ Tb7 31. Dxb7+ 32. Cxb7 Rxb7 33. Tf1 Txf1 34. Txf1 Cxe5 35. h3 Bb5 36. Tf2 Bd3+ 37. Rc1 Bc4 38. Rc2 Bxa2 39. b3 a4 40. bxa4 Rb6 41. Cc3 **1:0**

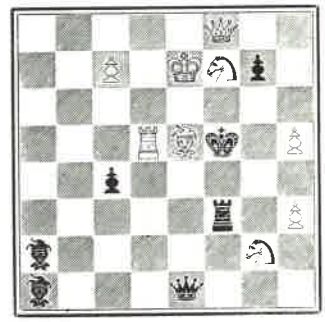
continuação da página anterior

Problemas

V

Y. G. VLADIMIROV

Campeonato da Rússia, 1960 — 1.º prémio



3x

Os xeques começam logo no *jogo virtual*, isto é, antes da chave.

1... Db4+ 2. Cd6+ Rg5 3. Bf4++
1... Dh4+ 2. Cg5+ Rxg5 3. Bf4++

O *jogo real* ou solução é:

1. Da8 ameaça **2. c8D+ Re4 3. Td4++**

E as variantes são:

1... Db4+ 2. Bd6+ Re4 3. Cg5++
1... Dh4+ 2. Bf6+ Re4 3. Cd6++
1... Dxe5+ 2. Txe5+ Bxe5 3. c8D++

Um primeiro prémio indiscutível!

RUI NASCIMENTO

Revista Portuguesa de Xadrez Rua da Sociedade Farmacêutica, 56, 2.º Lisboa 1

Proprietária e editora: Federação Portuguesa de Xadrez
Administrador: Gonçalo Leal
Director: Simões Nunes
Corpo redactorial: Álvaro Pereira, Dagoberto Markl, José Oliveira (chefe de redacção), José Pereira dos Santos, Luís Santos, Rui Nascimento, Sobreda Antunes, Tomé Duarte, Victor Silva
Correspondentes: Faria de Bastos, Manuel Matos, Vladimiro Miranda
Colaborador gráfico: Fernando Portugal

Composto e impresso na filográfica, lda.
Rua do Vale Formoso de Cima, 140-A Lisboa
Tiragem: 12 000 ex.

Preço por número: 15$00
Assinatura semestral: 80$00
Assinatura anual: 150$00